

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Carolina Martins TENÓRIO

Cleiton Garcia BARBOSA

Regiane Alves de ASSIS

**LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO**

São Paulo
2011

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Carolina Martins TENÓRIO

Cleiton Garcia BARBOSA

Regiane Alves de ASSIS

**LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a Dra. Tânia Callegaro

Coordenadora: Prof^a Dra. Maria Ignês Carlos Magno

São Paulo
2011

028.7306 Tenório, Carolina Martins

T286 Literatura de cordel como fonte de informação / Carolina Martins Tenório,
Cleiton Garcia Barbosa, Regiane Alves de Assis. -- 2011.
81 f. : il.

Inclui bibliografia

Trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência
da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo para a
obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação

Orientadora: Profª Dra. Tânia Callegaro.

Coordenadora: Profª Dra. Maria Ignês Carlos Magno

1. Literatura de cordel 2. Fonte de informação 3. Cultura Popular I. Barbosa,
Cleiton Garcia II. Assis, Regiane Alves de III. Callegaro, Tânia

CDD – 028.7306

CDU – 025.5:398.51

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autores: Carolina Martins TENÓRIO

Cleiton Garcia BARBOSA

Regiane Alves de ASSIS

Título: **Literatura de cordel como fonte de informação.**

Conceito:

Banca examinadora

Professora:

Assinatura: _____

Professora: Vânia M. B.O. Funaro

Assinatura: _____

Professora: Fernanda Brito

Assinatura: _____

Data de aprovação: / / .

Aos meus pais nordestinos do sertão da Bahia. Vocês são exemplo e fonte de inspiração para tudo em minha vida.

Regiane

A minha mãe que sempre me incentivou e me mostrou que nunca devemos parar de estudar.

Carolina

A minha Mãe: Cleonice de Paula Garcia (*in memoriam*), que sempre acreditou que eu chegaria lá. E se estivesse aqui com certeza estaria muito orgulhosa.

Cleiton

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à nossos pais, irmãos, amigos e companheiros desta jornada. Muito obrigado a todos os professores por partilhar seus conhecimentos e experiências conosco no decorrer deste curso.

Agradecemos à nossa orientadora professora Tânia Callegaro por trilhar com a gente os caminhos desta pesquisa.

Agradecimentos especiais à professora Maria Ignês pelo incentivo, entusiasmo, companheirismo e por compartilhar de sua sabedoria com a gente.

Muito obrigado ao Sr. Adão pela disponibilidade e confiança de deixar em nossas mãos seu acervo de folhetos de cordel.

Agradecemos também a Helena Misumi que tão gentilmente abriu um espaço na sua agenda para revisar nosso trabalho.

Agradecemos as professoras Vânia e Fernanda por terem aceitado participar da nossa banca, pela ajuda e entusiasmo e sugestões valiosas.

Agradecemos também um ao outro pela dedicação, garra, persistência e ânimo ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho. Obrigado a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho!

Agradecimentos especiais

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta jornada. Agradeço à minha esposa, Raquel Mariniello, que de forma especial e carinhosa me incentivou e me apoiou nos momentos de dificuldades, quero agradecer também aos meus familiares que me incentivaram e torceram por mim.

E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meus professores, todos aqueles os quais tive a honra de poder compartilhar de seus conhecimentos, seja durante as disciplinas que cursamos, os seminários e palestras que assistimos ou mesmo nas conversas pelos corredores da Faculdade.

Cleiton

Agradeço à Deus por sempre iluminar meu caminho e me dar forças para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha mãe Dagmar pela preocupação e pelas horas sem dormir me esperando no portão (por sempre torcer para eu tirar 10 também!).

À meu pai José Carlos (que mesmo sem entender o que eu estudo!), por ser minha inspiração.

Agradecimentos especiais aos meus irmãos José Carlos Jr., Mauricio, Osmar e Jane, por sempre agüentarem meu temperamento forte e meus finais de semana em frente ao computador.

Agradeço à minha amiga Daniele por sempre me ouvir e me entender.

Obrigada à equipe da Biblioteca da Faculdade de Enfermagem do Hospital Albert Einstein por acompanhar (por livre e espontânea pressão!) o desenvolvimento deste trabalho.

Obrigada a todos os colegas da faculdade que mesmo atarefados com suas pesquisas quando viam ou liam algo sobre cordel sempre separavam com carinho para nós.

Muito obrigada aos poetas populares que com talento e sabedoria levam adiante a literatura de cordel, vocês são a fonte de informação e inspiração deste trabalho.

Regiane

Agradeço primeiramente a minha mãe, que como eu está se graduando esse ano. Parabéns para nós!

Agradeço ao meu pai e minhas irmãs Ana Clara (também a parabenizo por sua graduação) e Catarina (que ainda tem um longo caminho pela frente, não desista!).

A Regiane que deu início a esse maravilhoso projeto, obrigada por me aceitar de volta, aguentar meus altos e baixos...valeu muito a pena! Obrigada!

Ao Cleiton que mesmo com suas dificuldades deu um jeito e foi em frente! Nunca olhe para trás!

A toda equipe da Biblioteca e Secretaria de Documentação: Sandra, Marcelo, Maria Edite, Luciana, Teresa, Luís Manoel, Talita, Fábio, José Roberto e Laura. Especialmente as bibliotecárias Roseli Sobral, Elizabeth Higashino, por me deixar pegar mais livros que o permitido, pela oportunidade e pela confiança; Rosangela Cury pelo apoio, pelas conversas, por tudo! A Clarice, Márcia e André por sempre me escutar e ajudar de alguma maneira.

A toda equipe da Documentação do Legislativo (Silvana, Padilha, Solimar, Renato, Fernando, Ugo, Márcia, Mariângela, Luiz Carlos, Sônia, Carina) pelos ensinamentos e pela paciência. Especialmente ao Donizeti Pontes (homi arretado com alma de bibliotecário) pela leitura “forçada” do TCC, pelas idéias, apoio; a bibliotecária Luana Coelho, pela compreensão, conversas e por me dar um norte na área de Biblioteconomia. Os bibliotecários Ângelo Caio Cruz e Elisabete Minaki por permitirem minhas “escapulidas” do trabalho e pela oportunidade!

A Valéria Rueda que desde o início sempre deu força e auxílio para esse e qualquer trabalho da faculdade. Obrigada moça!

Agradeço também aos estagiários, bibliotecários, funcionários, com quem trabalhei e tive oportunidade de aprender também.

Ao pessoal da biblioteca da Fundação Escola de Sociologia e Política que me aturou e me ajudou nesse momento final! Antonielli, Ederson, Winderson, Patrícia, Filipe, Edson, Silvia e Marina, muito obrigada!

Agradeço meus amigos e colegas da faculdade tanto do matutino quanto do noturno pelas alegrias e tristezas nesse percalço.

As amizades que fiz e quero manter por um bom tempo, meninas e meninos, agradeço por tolerarem minhas sandices!

A todos que de alguma maneira colaboraram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

Carolina

[...] a literatura de cordel floresceu tal qual flor de cacto, beleza nascida em meio ao nada para encher a vida de tudo. Não foi em asas de passarinho que as sementes do cordel se espalharam aos quatro ventos [...]. Foi nas ripas duras e suadas dos bancos do pau-de-arara.

Pedro Afonso Vasquez

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a literatura de cordel como fonte de informação. Contextualiza o cordel no cenário da cultura popular e mostra como esta vertente cultural interage com as culturas de massa e erudita. Mostra a comunicação como meio de transmissão e interação entre as diferentes culturas. Versa sobre os aspectos históricos da literatura de cordel e as ilustrações que acompanham os folhetos, bem como os assuntos que este gênero literário abrange. Verifica na literatura científica e em produtos culturais a utilização do cordel como fonte informacional e como esta se insere em diferentes áreas do conhecimento. A literatura de cordel revelou-se fonte de informação para além dos temas tradicionais, mostrando grande diversidade de assuntos e facilidade em permear diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Fonte de informação. Cultura popular. Comunicação. Ilustração.

ABSTRACT

This work discusses the cordel literature as source of information. It contextualizes the cordel on popular culture and shows how it interacts with the cultural aspects of mass culture and scholarly. It deals with the historical aspects of this literature and the illustrations that accompany the pamphlets, as well as the subject themes that compose this kind of literary genre. It checks the scientific literature and cultural products for cordel as source of information and how this fits in the different areas of knowledge. The cordel literature has proved as a source of information beyond the traditional subject themes, showing great diversity of subjects and easy dialog with different areas of knowledge.

Keywords: Cordel literature. Source of information. Mass culture. Communication. Illustration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Folheto de cordel sobre o BBB	23
Figura 2 - Abertura da novela.....	24
Figura 3 - Chamada da novela	24
Figura 4 - Cordelistas lêem folheto com história de Jesuíno e Açucena	24
Figura 5 - Poetas que participaram do final da novela	25
Figura 6 - Blog Cordel Atemporal	28
Figura 7 - Cordel online	29
Figura 8 - Leandro Gomes de Barros em xilogravura	32
Figura 9 - Folheto “O pavão misterioso”	35
Figura 10 - Folheto “As proezas de João Grilo”	36
Figura 11 - Matheus Nachtergaele na pele de João Grilo	36
Figura 12 - O alienista em cordel. Adaptação de Rouxinol do Rinaré	36
Figura 13 - Canto do povo de Deus	39
Figura 14 - Lampião e Maria Bonita no paraíso do Édem, tentados por Satanás	40
Figura 15 - Romance do pavão misterioso.....	40
Figura 16 - Visita de satanás a um baile funk.....	40
Figura 17 - Trechos da vida completa de Lampião	41
Figura 18 - O massacre de Eldorado dos Carajás	41
Figura 19 - Lulinha paz e amor.....	41
Figura 20 - Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho	42
Figura 21 - Peleja virtual de Glauco Mattoso com Moreira de Acopiara.....	42
Figura 22 - Carta do Satanás a Roberto Carlos	43
Figura 23 - Orphãs do Collegio da Jaqueira no Recife (capa cega).....	45
Figura 24 - Pedrinho e Julinha (clichê de zinco).....	46
Figura 25 - Antonio Silvino	47
Figura 26 - Pedrinho e Julinha (xilogravura).....	48
Figura 27 - J. Borges.....	49
Figura 28 - Cabeça de negro (1929) - Xilogravura de Lasar Segall	50
Figura 29 - Juvenal e o dragão I (1962) - Xilogravura de Gilvan Samico	50
Figura 30 - Pedrinho e Julinha (policromia).....	51
Figura 31 - Caminhos da biblioteconomia e ciências da informação.....	59

Figura 32 - Parabéns bibliotecário.....	59
Figura 33 - Cordel das DST.....	61
Figura 34 - Propaganda das lojas Arapuã.....	62
Figura 35 - Ilustração representando cordel criada para campanha publicitária da marca Consul.....	63
Figura 36 - Fragrância inspirada na literatura de cordel.....	63
Figura 37 - Acorda cordel na sala de aula.....	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivo Geral	15
2.2 Objetivos Específicos	15
3 METODOLOGIA	16
4 CULTURA POPULAR, COMUNICAÇÃO E SUAS DINÂMICAS	18
5 LITERATURA DE CORDEL	30
5.1 Os assuntos da literatura de cordel.....	37
5.2 A ilustração nos folhetos de cordel.....	44
6 LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO.....	53
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	70
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	80

1 INTRODUÇÃO

Dentre a diversidade de expressões da cultura popular está a literatura. No cenário da literatura feita de forma popular, o cordel destaca-se. Com forte presença no nordeste, o cordel, nascido em terras européias, carrega hoje traços tipicamente brasileiros.

Esta literatura traz em seus folhetos histórias fantásticas, comédias, romances. Sempre utilizando uma linguagem acessível e cheia de ritmo; o que facilita a transmissão e assimilação de seu conteúdo por parte dos leitores e/ou ouvintes.

Mas não é apenas ao imaginário que os cordelistas emprestam seus versos. Entre o conteúdo informacional dos folhetos estão assuntos ligados à política, história, problemas sociais e de ordem pública e temas ligados à saúde e medicina preventiva.

Com a diversidade de assuntos que aborda e com uma linguagem poético-visual, o folheto de cordel atrai olhares e é – ou foi - fonte de inspiração para grandes escritores. Dentre os autores eruditos admiradores do cordel estão Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa.

A admiração entre cordel e grandes autores é recíproca. Clássicos da literatura mundial já podem ser lidos em adaptações produzidas por cordelistas e ilustradas pelos artistas responsáveis pela xilogravura no cordel.

Mesmo com a força que carrega e com a admiração de grandes autores, a literatura de cordel ainda é pouco difundida e utilizada, sobretudo, em unidades de informação.

Embora seja a literatura de cordel potencial fonte de informação e um meio de comunicação de linguagem acessível, ainda são poucas as bibliotecas que possuem folhetos em seu acervo. Seu potencial informativo deixa, desta forma, de ser explorado.

Neste sentido, o presente trabalho versa sobre a literatura de cordel como fonte informacional. Para tanto, verificaremos na literatura científica e em produtos culturais a utilização do cordel como fonte e meio de transmissão da informação.

Situando o leitor no contexto em que a literatura de cordel está inserida, iniciaremos o trabalho com um capítulo sobre cultura popular e como esta vertente cultural interage com as culturas de massa e erudita.

Abordaremos ainda aspectos históricos do cordel, bem como a ilustração que acompanha seus folhetos. Finalmente, apresentaremos a literatura de cordel como fonte de informação e como esta se insere em diferentes áreas do conhecimento.

2 OBJETIVOS

A literatura de cordel caracteriza-se pela linguagem acessível e por seu conteúdo informacional diversificado. Destaca-se como meio de comunicação e transmissão da informação. Mostra-se ainda como fonte de informação que abrange várias áreas do conhecimento, e não somente assuntos relacionados ao universo da cultura popular. Neste sentido, o presente trabalho propõe os seguintes objetivos:

2.1 Objetivo Geral

Evidenciar a literatura de cordel como fonte da informação.

2.2 Objetivos Específicos

Verificar na literatura e produtos culturais o uso do cordel como fonte e meio de transmissão de informação;

Mostrar a abrangência temática do cordel e sua inserção em diferentes áreas do conhecimento.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, empreendemos levantamento bibliográfico acerca dos temas literatura de cordel e fontes de informação. Para tal levantamento, utilizamos o catálogo *online* do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo e verificamos as unidades que possuem acervos direcionados à literatura, poesia e cultura popular.

Dentre as bibliotecas municipais que contam com acervos neste sentido estão: Biblioteca Belmonte e Biblioteca Mário de Andrade. Visitamos as unidades mencionadas para conhecimento *in loco* do acervo de folhetos de cordel presentes nas bibliotecas.

Para a fundamentação teórica, utilizamos ainda o acervo pessoal composto de livros, folhetos de cordel e periódicos do livreiro da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) Sr. José Adão Pinto.

Além das unidades de informação citadas, exploramos o acervo da Biblioteca da FESPSP, da Biblioteca Digital Universidade Gama Filho (UGF), da Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e da Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Pesquisamos também os periódicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, a saber: Biblionline, Ciência da Informação, Comunicação & Informação, Datagramazero, Informação & Informação, Informação e Sociedade, Perspectivas em Ciência da Informação, Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG e Revista de Biblioteconomia de Brasília.

Ainda no que se refere à fundamentação teórica, realizamos pesquisas nas bases de dados LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação e da Scielo - Scientific Electronic Library Online. Utilizamos ainda o buscador Google Acadêmico.

Os descritores e/ou palavras-chave utilizadas nas pesquisas foram: “Literatura de cordel”, “Literatura popular”, “Fonte de informação” “Comunicação popular” e “Cultura popular”. Posterior ao levantamento bibliográfico foi realizada uma seleção dos artigos, livros e folhetos de cordel que irão compor o trabalho.

Para a elaboração deste trabalho acompanhamos ainda pela televisão o desenrolar da novela *Cordel encantado* exibida pela Rede Globo entre os meses de abril a setembro de 2011, bem como outros programas televisivos que tinham como pauta a literatura de cordel.

No que tange ao referencial teórico destacamos alguns autores que pautaram nosso trabalho, são eles: José Maria Luyten, Ciro Marcondes Filho, Luís da Câmara Cascudo, Antonio Hohlfeldt, Ecléa Bosi, Alfredo Bosi, Moreira de Acopiara, Luiz Beltrão, Cristiane Maria Nepomuceno, Marilena Chaui, Marco Haurélio, Aderaldo Luciano, Assis Ângelo e Luli Hata.

4 CULTURA POPULAR, COMUNICAÇÃO E SUAS DINÂMICAS

A cultura é o que dá sentido à vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura e esta é a sua essência. A cultura é construída na vida em sociedade e é pelo meio social que a transmitimos e a transformamos. As diferentes culturas interagem e a todo o momento revelam traços umas das outras.

Quem nunca se viu diante da questão “o que é cultura?”. Certamente a resposta não é fácil. A dificuldade de se definir cultura talvez esteja em sua diversidade, pois ela pode ter, dependendo do contexto, diversos significados e pode ser expressa de diferentes formas (EDGAR; SEDGWICK, 2003).

Para Silva e Souza (2006, p. 216) cultura é o “registro de um povo” e representa sua maneira de pensar e agir diante do mundo, ou seja, ao passo que o indivíduo se vê percebe também a sociedade em que vive.

Nas palavras de Oliveira (2002, p. 156), “a cultura não é sempre a mesma. Apresenta formas e características diferentes no espaço e no tempo”. O cordelista Moreira de Acopiara (2006, p. 2) nos mostra que a cultura pode se expressar em elementos materiais e imateriais:

[...] Em tudo você vai ver
Uma dose de cultura;
Nas roupas que nós vestimos,
Na nossa literatura...
Os cocos e as emboladas
São a cultura mais pura.

[...] E pra concluir: cultura
É algo bem natural;
São lendas, crenças de um povo,
É território atual.
São histórias, são costumes,
E é progresso social.

O conceito de cultura como conhecemos hoje foi definido pelo antropólogo inglês Edward Taylor (1832-1917). Para esta definição, Taylor sintetizou os termos *Kultur* (alemão) e *Civilization* (francês) fazendo surgir a palavra em inglês *Culture*. (LARAIA, 2001).

Taylor abrangeu em um único termo as possibilidades de criação e realização do ser humano e caracterizou a cultura como algo transmitido por meio do aprendizado e não herdado biologicamente (LARAIA, 2001).

Assim, segundo Taylor (1871, p. 1 apud LARAIA, 2001, p. 25), o termo cultura “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Costa (2005, p. 282) vê a cultura como um “conjunto de crenças, de valores e de significados que o homem compartilha com seu grupo”.

Recorrendo ao *Dicionário Houaiss* da língua portuguesa teremos a definição de que cultura é um “conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 583).

Já Chaui (1996, p. 14) nos diz que a cultura vista de forma ampla “é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia, além da filosofia”.

Como lembra a autora, existe uma definição restrita de cultura que é aceita socialmente. Este conceito está ligado à cultura como um “bem” que se adquire e é adquirido somente por uma parcela privilegiada da sociedade:

[...] articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular (CHAUÍ, 1996, p. 14).

Este ponto também é discutido por Milanesi em *A casa da invenção*. O autor evidencia que em determinadas classes sociais a cultura é sinônimo de sabedoria: ter cultura é ter “posse” do saber (MILANESI, 2003).

Partindo dessa visão errônea de cultura como “sabedoria” ou “posse” de conhecimento, dá-se a divisão entre os “cultos” e “incultos”. Esta divisão leva a uma conclusão equivocada de que apenas os “cultos” possuem cultura e as demais camadas sociais são desprovidas desta.

Penço (1995, p. 31) explica este pensamento: “esta é a maneira de pensar que herdamos dos colonizadores, para quem uma das diferenças entre a ‘elite letrada’ e o ‘povo iletrado’ é que ela ‘tem cultura’, e ele não”.

Retomando o início deste capítulo, todo ser humano é dotado de cultura e a “herdamos” logo que nascemos. É o que denominamos de “herança cultural” e esta é a nossa “porta de entrada” para a vida em sociedade.

Parafraseando Flusser (1983), herança cultural é a forma como o indivíduo vê e se relaciona com o mundo a seu redor. Podemos até dizer que a cultura herdada é o que nos prepara para o mundo.

Vimos até aqui que a cultura faz parte do ser humano e é desenvolvida na sociedade onde vive por meio da interação com outros indivíduos. Desta forma, cultura é o agir, pensar, viver, produzir, expressar e transformar de um povo.

Concordando com Maciel (2010, p. 2), “a cultura é o que modela o homem” e, por sua vez, não haveria cultura se não fosse a existência humana, já que esta é criação do próprio ser humano.

Percebemos que a cultura também não é única. Ela é plural e dinâmica. A diversidade das expressões culturais é muito grande, assemelhando-se à diversidade de conceitos atribuídos ao termo “cultura”.

Em certas ocasiões as diferentes culturas se encontram. A cultura popular tem seus encontros com a cultura de massa e esta última encontra-se também com a cultura de elite (BOSI, 1992). Sendo assim, como distinguir as “fronteiras” entre as culturas popular, erudita e de massa?

É sabido que os diferentes tipos de cultura não se desenvolvem isoladamente, mas sim interagem e contribuem para a transformação umas das outras. Para entendermos a dinâmica entre essas culturas conheceremos o conceito de cada uma delas.

A cultura erudita ou de elite é tida como aquela produzida em ambiente acadêmico e sua transmissão dá-se, principalmente, por meio da escrita. Esta cultura é produzida e representada pela classe dominante (OLIVEIRA, 2003).

Já a cultura de massa, produto da indústria cultural, é transmitida pelos meios de comunicação de massa e visa a atingir um público genérico atingindo diferentes camadas socioeconômicas (OLIVEIRA, 2002).

A indústria cultural incorpora elementos das diferentes culturas e as transformam em um “produto”. Em outras palavras, a cultura de massa transforma os objetos culturais em “bens de consumo”, ditando assim novos padrões de consumo e comportamento (OLIVEIRA, 2002).

Mas, e a cultura popular? Como é definida? Assim como o próprio conceito de cultura, definir cultura popular também não é uma tarefa fácil. Muito recorrente na literatura é a equivalência dos termos “cultura popular” e “folclore” (ARANTES, 1995), como no caso da “Carta do Folclore Brasileiro”.

Neste documento, cultura popular e folclore são termos entendidos como sinônimos, conceituando-os como o “conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social” (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995, p. 1).

Vindo do inglês *folk-lore* que significa “saber do povo” (CAVALCANTI, 2002, p. 1), o termo “folclore” foi cunhado por William John Thoms em 1846. É definido por Cascudo (2001, p. 240) como “[...] a cultura do popular, tornada normativa pela tradição”. Portanto, para o autor o folclore é a própria cultura popular e é esta posição que tomaremos neste trabalho.

Nas duas acepções de cultura popular apresentadas, a palavra “tradição” está presente. Arantes (1995, p. 17) diz que conceber a cultura popular sinônima à tradição “é reafirmar constantemente a idéia de que a sua Idade de Ouro [cultura popular] deu-se no passado” e que “algo que se considere como tendo tido vigência plena no passado só pode ser interpretado, no presente, como curiosidade”.

Mesmo associada à tradição, a cultura popular não deve ser vista em oposição ao moderno e contemporâneo. Assim como a tradição, a transformação e o dinamismo também caminham juntos com a cultura popular.

Seguindo nossa tarefa de elucidar o conceito de cultura popular, Penço (1995, p. 31) a define como sendo “a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do povo, ou dos diferentes povos que há no povo”.

Bosi (1992, p. 11) diz que a temporalidade da cultura popular é cíclica, ou seja, fundamenta-se no “retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor”. Ainda de acordo com o autor, outra característica da cultura popular é o “enraizamento”.

Em outras palavras a cultura popular caracteriza-se pelo retorno e inovação de suas práticas e a condição para que essas práticas resistam ao tempo é o seu enraizamento. Para Bosi (1992) são essas características que diferem a cultura popular da cultura de massa, pois esta última “produz cultura” em escala industrial.

Tendo em vista essas discussões acerca do conceito de “cultura popular” pode-se inferir a dificuldade de atribuir significado a este termo. Nas palavras de Nepomuceno (2005, p. 27), “[...] todo debate em torno do universo da cultura popular é polêmico e contraditório. Independentemente dos avanços dos estudos na área, as concepções continuam múltiplas”.

Ecléa Bosi (1972, p. 53) também afirma que definir “cultura popular” é uma tarefa difícil e que exige que tomemos uma posição e a vejamos a partir de um ponto de vista. Diz ainda que a cultura popular é “uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade”.

Como vimos, para entender e falar sobre cultura popular (dada sua diversidade de definições e manifestações) se faz necessário que a vejamos sob um ponto de vista e adotemos um conceito.

É no conceito de cultura popular descrito na tese de Cristiane Nepomuceno que o presente trabalho irá pautar-se. Na cultura popular que perpassa a tradição e possui característica dinâmica e transformadora. Na cultura que ao passo que se moderniza e se transforma, também não esquece suas raízes:

À própria cultura popular e ao povo cabe reinventar, recriar e ressignificar o seu saber e o seu saber-fazer. Revelar a todos que seu universo vai além da conservação, preservação ou resgate, tampouco pré-moderna e atrasada. Necessário se faz apreender a cultura popular como resultado de momentos históricos específicos e conseqüentemente dinâmica, apta a apropriar-se das práticas culturais mais diversas e adaptá-las ao seu cotidiano (NEPOMUCENO, 2005, p. 31).

Dentre as diferentes expressões da cultura popular elencadas por Acopiara (2006) está a literatura de cordel. E tão dinâmico como a relação entre as culturas, o cordel, advindo de terras européias, possui características tipicamente nordestinas.

Outra expressão cultural que adquiriu traços do povo nordestino é a xilogravura. Digamos que na mão dos artistas nordestinos ganhou uma nova identidade e assumiu o posto de “parceiro” dos folhetos de cordel.

O cordel nordestino é um grande exemplo de como as diferentes culturas se “interpenetram”. Entre os diversos temas abordados em seus folhetos, a literatura de cordel demonstra um olhar crítico sobre a cultura de massa.

Recentemente o educador e cordelista baiano Barreto ([2010?]) criou um cordel criticando o *reality show* televisivo *Big Brother Brasil* (BBB), sob o título *Big Brother Brasil: um programa imbecil* (Figura 1). Vejamos a opinião do cordelista sobre o programa:

[...] Há muito tempo não vejo
Um programa tão ‘fuleiro’
Produzido pela Globo
Visando Ibope e dinheiro
Que além de alienar
Vai por certo atrofiar
A mente do brasileiro.

Me refiro ao brasileiro
Que está em formação
E precisa evoluir
Através da Educação
Mas se torna um refém
Letrado, ‘zé-ninguém’
Um escravo da ilusão.

Em frente à televisão
Lá está toda a família
Longe da realidade
Onde a bobagem ferve
Não sabendo essa gente
Desprovida e inocente
Desta enorme ‘armadilha’.

[...] Respeite, Pedro Bial
Nosso povo brasileiro
Que acorda de madrugada
E trabalha o dia inteiro
Dar muito duro, anda rouco
Paga impostos, ganha pouco:
Povo HERÓI, povo guerreiro [...].



Figura 1 - Folheto de cordel sobre o BBB

Fonte: Folha Online

A literatura de cordel também serve de fonte e inspiração para produções da cultura de massa. Um exemplo recente é a novela *Cordel encantado* que se utiliza de uma narrativa muito próxima a do cordel.

Nesta novela o mundo imaginário e a realidade do sertão nordestino se encontram. A abertura da novela é inspirada na arte da xilogravura (Figuras 2 e 3).

O repentista Miguel Bezerra ficou encarregado das chamadas da novela antes de sua estréia (CORDEL ENCANTADO, c2011a).



Figura 2 - Abertura da novela
Fonte: Cordel encantado: bastidores



Figura 3 - Chamada da novela
Fonte: TV a ver

Novela escrita por Thelma Guedes e Duca Rachid, trouxe em seu último capítulo poetas recitando cordéis (Figura 4) que contam a história de amor vivida na trama pelos personagens Jesuíno e Açucena (CORDEL ENCANTADO, c2011b).



Figura 4 - Cordelistas lêem folheto com história de Jesuíno e Açucena
Fonte: UOL Entretenimento: televisão

Participaram do final da novela os poetas Victor Alvim, Gonçalo Ferreira, Sergival Silva, Josinaldo Mota, Sepalo Campelo e João Batista (Figura 5). Neste mesmo capítulo as autoras da novela renderam uma homenagem aos poetas populares e dedicaram a história a eles: "aos poetas populares do Nordeste e aos tropicalistas que, a partir deles, nos reinventaram" (CIMINO, c2011; PAPO DE SAMBA, [2011]).



Figura 5 - Poetas que participaram do final da novela
Fonte: Papo de samba

Como vimos, de um modo ou de outro, as culturas se encontram e interagem. As barreiras entre as diferentes culturas não são intransponíveis e estas “comunicam-se permanentemente” (CAVALCANTI, 2002, p. 3). Cavalcanti (2001, p. 4) explica muito bem essa “travessia” pelas fronteiras das diferentes culturas:

Cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas cultura popular, erudita, ou de massa, e mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo.

Assim como sem a existência do ser humano não existe cultura, da mesma forma não existe cultura sem comunicação. É por meio da comunicação, independentemente do tipo, que o homem transmite seus sentimentos, conhecimentos, vivências, crenças e, enfim, a própria cultura.

O termo comunicação aparece pela primeira vez nos mosteiros, por meio da prática *communicatio*, que seria “cear juntamente com os outros”. Etimologicamente, pode-se distinguir três elementos da palavra: uma raiz *munis* (estar encarregado de), acrescido do prefixo *co* (reunião), completada pela terminação *tio* (reforçando a idéia de atividade) (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001).

Segundo Melo (1998), a comunicação desempenha um papel fundamental no mecanismo de formação e evolução de uma cultura. Por se tratar de um processo social básico, a comunicação permite troca de práticas de vida, usos, costumes e

concepções. É através desta que as gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas, suas convenções, tradições e experiências.

Nas principais teorias, comunicar é o ato de se relacionar, de trocar idéias e consciências, mensagens, informações, indo de acordo com a etimologia da palavra. Mas não é somente por meio de situações entre pessoas que a comunicação ocorre, nos comunicamos através das mídias, via web, visualmente, indo além da conversa pessoal.

Os novos teóricos da comunicação (NOVA..., 2004) defendem que o ser humano não se comunica nem se informa, mas que fazemos uso daquilo que nos interessa. Segundo Marcondes Filho (2008, p. 16) “a comunicação só existe quando eu me volto a ela e a incorporo como algo para mim”, ou seja, só haverá uma interação de acordo com o interesse de cada um. Esta interação deve se modificar internamente, mudar a pessoa, o mesmo vale no processo da informação.

Neste sentido a literatura de cordel como um meio de comunicação, retrata a cultura do povo nordestino através da expressão de seus valores, convidando a refletir acerca da realidade da sociedade em que vivemos, possibilitando a inserção de idéias e dessa maneira influencia e modifica o leitor por meio de seus folhetos (SILVA et al., 2010).

A comunicação segundo Melo (1998, p. 187-188):

[...] é o instrumento que assegura efetivamente a sobrevivência e a continuidade de uma cultura no tempo, promovendo inclusive a transformação dos seus símbolos em face aos novos fenômenos criados pelo desenvolvimento.

Indo pela vertente da transformação, a literatura de cordel evoluiu, passando da comunicação oral para a comunicação escrita, e atualmente modificou a forma de se comunicar com seus leitores, se desprendendo de seu suporte tradicional, o folheto, e indo para o mundo digital.

De acordo com Diniz (2004) o uso da internet permitiu que a literatura de cordel fosse vista como uma “novidade” e garantiu a sobrevivência dos cordelistas, que não dependiam mais de um único suporte para a produção de sua arte.

Para Sousa (2007) a literatura de cordel no meio digital é denominada: ciber-cordel, que de acordo com o autor se constitui em uma “sinergia entre as formas de

narrar o cordel com a interatividade e conectividade desterritorializada e simultânea do ciberespaço” (SOUSA, 2007, p. 6).

A aproximação e a inserção do cordel pelas novas tecnologias são ilustradas através do cordel de Medeiros ([2003?]) *A peleja do cordel de feira com a Internet*:

Seus cordéis ele vendia
 Numa feira bem pequena
 Era sempre a mesma cena
 Com risada e cantoria
 Desde o tempo da galena
 Era uma mensagem plena
 De amor e alegria

Com uns tipos manuais
 Muitos impressos fazia
 E assim ele vivia
 Querendo um mundo de paz
 Mas ninguém compreendia
 Quando dizia que um dia
 Ia sair nos jornais.[...]

Mexendo com linotipo
 Telex e off set
 No fax pintou o sete
 Sem falar no teletipo
 Fazia até enquête
 Só não comia gilete
 Pois não achava bonito.[...]

Os anos foram passando
 o tempo não vai pra trás
 e aquele nosso rapaz
 ia se adaptando
 a tudo que a vida traz
 nada nunca é demais
 e foi se modernizando.[...]

Pois agora na internet
 O cordel vai mais distante
 Basta somente um instante
 E a história se repete
 São Gonçalo do Amarante
 Paris, Itu, num berrante
 Todo mundo se derrete[...]

A utilização da literatura de cordel pode ser vista através de sites, blogs (Figura 6) e redes sociais (*Orkut*, *Twitter* e *Facebook*). Esta nova forma de se comunicar e manter viva a tradição do cordel também permitem que surjam novos autores e novas formas de colaboração.



Figura 6 - Blog Cordel Atemporal
Fonte: Cordel Atemporal

Esta colaboração vai ao encontro com as novas teorias da comunicação de que a emissão não tem relação com a recepção, pois constituem-se em diferentes processos: qualquer pessoa pode emitir, comunicar, divulgar, transmitir sinais, ao contrário da recepção, aonde a pessoa pode aceitar ou não o código passado pelo emissor (NOVA..., 2004).

Na teoria clássica, de acordo com Pignatari (1980) para que a transmissão de ideias transforme-se efetivamente em informação é necessário ter um canal de comunicação (suporte) que possua uma *fonte* e um *destino*. Na fonte estará um emissor que através de um código - conjunto de sinais preestabelecido como, por exemplo, nosso idioma - se comunica com o receptor (destino) que decodifica este código transformando a mensagem em informação. Lembrando que este canal está sujeito a interferências, como ruídos e redundâncias.

Embora cada teoria defenda um ponto de vista sobre a forma que as pessoas se relacionam e se comunicam, as duas se aplicam em diferentes contextos. A clássica no suporte tradicional (o papel) e a nova através dos meios digitais, onde as pessoas têm oportunidades de expressar mais e ter uma maior visibilidade, porém, com a desvantagem de nem sempre ter um retorno.

Como exemplo de que qualquer pessoa pode emitir e divulgar suas ideias, as famosas pelejas dos folhetos de cordel foram incorporadas no meio digital e não perderam seu dinamismo, e seus leitores podem acompanhar tanto o resultado final desse embate quanto a sua construção através de conversas *online*, *e-mails*, etc

(Figura 7), mantendo a vivacidade e criatividade tradicional da literatura de cordel (AMORIM, [2008?]).



Figura 7 - Cordel online
Fonte: Grupo Literatura de cordel (Facebook)

São vários os meios de se comunicar e a literatura de cordel já transitou por algumas delas como a TV, o rádio, o jornal, os folhetos e agora através da internet mantém

todo o emaranhado de tradições e crenças intrínsecas nas manifestações artísticas e intelectuais, ademais as características humanas, as raízes sociais aperfeiçoadas e preservadas através da comunicação dos indivíduos em sociedade (MACIEL, 2010, p. 2).

A comunicação como podemos perceber é fator crucial para a evolução e transmissão da cultura, assim como, os meios que se utilizam para disseminar os costumes, tradições e experiências.

Vimos também que a cultura possui diferentes vertentes e dinâmicas, e assim como a comunicação, é incorporada e transmitida de maneiras diversas, mas com o mesmo intuito de manter viva a literatura de cordel.

5 LITERATURA DE CORDEL

De origem européia, a literatura de cordel é hoje uma das mais importantes manifestações da literatura popular brasileira. O cordel está presente em todo o Brasil, mas é no nordeste que mostra sua força e é lá que se desenvolveu da forma que conhecemos atualmente (LUYTEN, 2007).

Originária dos romanceiros da França e da Península Ibérica, a literatura de cordel era chamada de *pliegos sueltos* na Espanha, *folhas volantes* em Portugal e *littérature de colportage* na França (PINTO, 2008).

O cordel chegou ao Brasil a bordo das *naus* portuguesas em meados do século XIX. Recebeu esta nomenclatura porque em Portugal os folhetos eram expostos para a venda em barbantes ou cordões: daí o termo “literatura de cordel” (ÂNGELO, 1996; PAGLIUCA et al., 2007).

[...] na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.

E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou [...] (ACOPIARA, 2009, p. 14).

A “porta de entrada” da literatura de cordel no território nacional foi o nordeste. Em solo nordestino o cordel fincou suas raízes e floresceu: “[o nordeste] revelou ser terreno fértil para o desenvolvimento dessa arte nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade” (VASQUEZ, 2008, p. 12).

O verbete “literatura de cordel”, de acordo com Ângelo ([2003]), foi registrado pela primeira vez em 1881 no *Dicionário Contemporâneo* de Francisco Júlio Caldas Aulete.

Na edição de 1974 deste mesmo dicionário, o cordel é definido como sendo “[...] literatura popular de pouco merecimento [...] de pouco valor literário [...]” (GARCIA; NASCENTES, 1974, p. 847; p. 2164). Em edição atualizada *online* do

Dicionário Caldas Aulete, esta definição é revista e o equívoco reparado: “[...] literatura popular, e impresso em folhetos baratos [...] gênero literário [...]” (IDICIONÁRIO AULETE, [2011?]).

Aderaldo Luciano (2007) em seu artigo *Literatura de cordel, literatura brasileira* faz uma crítica às definições de literatura de cordel presentes nos dicionários. Para ele, o fato de o termo não estar na letra L de literatura, mas sim na C de cordel, já demonstra como a literatura de cordel é excluída e não é vista como um gênero literário.

Já o *Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel* (2005, p. 45 apud VASQUEZ, 2008, p. 11) diz que o termo “literatura de cordel” foi cunhado pela primeira vez pelo pesquisador Raymond Cantel “para designar os folhetos da literatura popular, vendidos nas feiras populares, pendurados em pequenas cordas, cordinhas, cordões”.

Melo (1994, p. 13), nos traz uma definição sucinta do termo “literatura de cordel”: “poesia narrativa, popular, impressa”. Poesia por sua rima e metrificação; narrativa porque conta histórias com começo, meio e fim; popular porque é feita pelo poeta do povo e direcionada para todas as camadas sociais; e impressa por sua forma de apresentação, tradicionalmente em folhetos (TV ESCOLA, 2010).

O cordel é fruto da oralidade e é escrito por poetas de bancada (cordelistas) ou escritores advindos de diversos gêneros literários (LUCIANO, 2007; ÂNGELO, 2007). Os folhetos são comercializados, na maioria das vezes, pelos próprios poetas, mas podem ser encontrados em feiras, livrarias ou em diferentes espaços públicos (MATOS, 2007).

O grande pioneiro na impressão dos folhetos de cordel é o poeta paraibano, natural de Pombal, Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Outros poetas como Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde seguiram a iniciativa de Barros e, respectivamente, em 1902 e 1908 começaram a publicar folhetos (TERRA, 1983).

Leandro Gomes de Barros (Figura 8) passou a publicar seus folhetos em 1893 e deixou vasta obra que, de acordo com estimativas, somam 1.004 folhetos impressos (TERRA, 1983; ÂNGELO, 2007). Para Viana (2002, p. 2), Barros foi um “gigante” na literatura de cordel e trouxe a este gênero um “legado relevante” e de muito valor.

[...] Leandro Gomes de Barros
 É o nome do menestrel
 Que deu forma e deu essência
 Ao que chamamos de cordel,
 Que da tradição oral
 Migrava para o papel



Figura 8 - Leandro Gomes de Barros em xilogravura
 Fonte: Cordel SP

[...] Outro grande pioneiro
 É Silvino Pirauá,
 E entre ele e Leandro
 Sempre se perguntará
 Quem foi que editou primeiro,
 E a dúvida persistirá [...] (HAURÉLIO; SÁ, 2007, p. 18).

O também paraibano, desta vez de Patos, Silvino Pirauá, como vimos na citação acima, também foi pioneiro na impressão dos folhetos de cordel. O cordelista Klévisson Viana (2002, p. 6) narra a parceria desses grandes poetas:

[...] Os dois juntos começaram
 No Recife publicaram
 Os primórdios de um invento

[...] Fizeram quatro livrinhos
 Venderam de mão em mão
 O sucesso foi tamanho
 E grande a repercussão
 Nascia ali o cordel
 Que era cópia fiel
 Da cultura do sertão [...].

Pelo cordel Leandro Gomes de Barros se fez grande poeta e pelo cordel também canalizou e expressou sua indignação sobre uma injustiça duplamente cometida a um rapaz em sua época. O poeta Manoel Monteiro (2005, p. 16) nos

mostra um trecho deste cordel e nos conta o desfecho deste triste acontecimento na vida do cordelista:

[...] Nós temos cinco governos
O primeiro o federal
O segundo o do Estado
O terceiro o municipal
(Aí conclui a história)
O quarto é a palmatória
E o quinto o velho punhal

[...] Isso bastou para o chefe
De polícia, um maganão,
Mandar prender o poeta
E jogá-lo na prisão;
LEANDRO então ficaria
No porão duma enxovia
Igual a qualquer ladrão
Esse castigo terrível
Ao nosso poeta imposto
Feriu seu peito tão fundo
Que o ferimento exposto
Suas forças consumiu
E ele submergiu
Nas ondas desse desgosto.

Esta passagem da vida do poeta ilustra a visão crítica dos cordelistas sob o cotidiano que os cerca e mostra que qualquer fato nas mãos desses artistas da palavra pode virar cordel. Os episódios do cotidiano são fonte de inspiração do cordelista e o cordel “é a enciclopédia da vida cotidiana escrita à medida exata em que os fatos vão ocorrendo” (VASQUEZ, 2008, p.12).

O poeta Silvino Pirauá (1848-1913), além de ser parceiro de Leandro na ideia inovadora de imprimir os folhetos de cordel, também é considerado pioneiro da poesia cantada no Brasil. A poesia, desta forma, passa a ser mais bem assimilada pelos ouvintes (VASQUEZ, 2008).

Pirauá também inovou a estrutura do cordel. Passou a empregar a sextilha como métrica deste tipo de poesia e nas pelejas cantadas tornou-se obrigatório que o competidor rime seu primeiro verso com o último do adversário (VASQUEZ, 2008).

A sextilha é a maneira mais comum de se ordenar versos de cordel. Esta métrica consiste em estrofes de seis versos com sete sílabas, seguindo o esquema “ABCBDB” onde o segundo, quarto e último verso rimam entre si (MATOS, 2007; LUYTEN, 2007).

Cada forma de ordenação dos versos exigirá um modo de cantar. A contagem das sílabas em um verso de cordel (sete, no caso da sextilha) dependerá da habilidade de quem está recitando. Um versejador habilidoso saberá quais sílabas deverão ser suprimidas, encaixando-se assim dentro da métrica (TAVARES, 1998).

Embora seja uma métrica rígida, a sextilha confere musicalidade ao cordel. Desta forma, “faz com que qualquer melodia (ou ‘toada’, como dizem os cantadores) feita para uma sextilha possa ser usada para ‘cantar’ os folhetos” (TAVARES, 1998, p. 76).

Por conta desta musicalidade, o cordel é constantemente confundido com o repente. Luciano (2007, p. 36) nos explica este equívoco:

Muitos estudiosos confundem a poesia dos cantadores repentistas nordestinos com a Literatura de Cordel. É certo que sejam irmãos. E como todos os irmãos, sejam, também diferentes.

Os poetas de bancada raramente são repentistas e vice-versa. O repente é improvisação, feito no calor do momento e “nenhum cantador que se preze escreverá seus versos para depois os decorar” (LUCIANO, 2007, p. 36). Já o cordel é resultado de tempo e maior preparação.

Nas palavras de Haurélio (2007, p. 15), “o cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Mas, cordel e repente não são a mesma coisa”. Essas duas artes são frutos da mesma árvore; a raiz é a mesma, mas estão em galhos diferentes.

Em relação às suas dimensões, o cordel apresenta-se, geralmente, em livrinhos de 16 cm por 10 cm. Em extensão, possuem entre oito e 32 páginas. Um cordel entre oito e dezesseis páginas é denominado “folheto” e acima de 32 páginas é conhecido como “romance” (MATOS, 2007).

Um dado interessante sobre a literatura de cordel: muito comum no mundo do cordel a apropriação de textos alheios e reimpressão dos folhetos com atribuição de nova autoria. Os poetas, então, criaram uma forma de burlar este problema e passaram a assinar seus versos de uma forma diferente (DIÉGUES JÚNIOR, 1986).

A solução encontrada foi a utilização de acróstico nos versos finais do cordel. O acróstico consiste em um texto ou verso em que as primeiras palavras do parágrafo formam verticalmente uma palavra. Veja no exemplo:

[...] Bem, leitor, vou encerrar
 Resumindo o sucedido:
 Artur casou com Isadora
 Uniu quem já era unido.
 Libertaram o reinado,
 Indo morar ao seu lado
 O velho pai tão querido.

Talvez a história prossiga
 Após o tempo passar:
 Viver parado num canto
 Artur não vai aceitar.
 Retomará seu roteiro
 Esse par aventureiro
 Sempre que a sorte mandar (TAVARES, 1998, p. 70, grifo nosso).

O universo do cordel é composto por grandes poetas que com sua inteligência e criatividade levaram e levam adiante este gênero literário. Impossível elencar aqui todos os cordelistas importantes neste cenário. Mas, dentre os grandes, destacaremos José Camelo de Melo Resende (1885-1964).

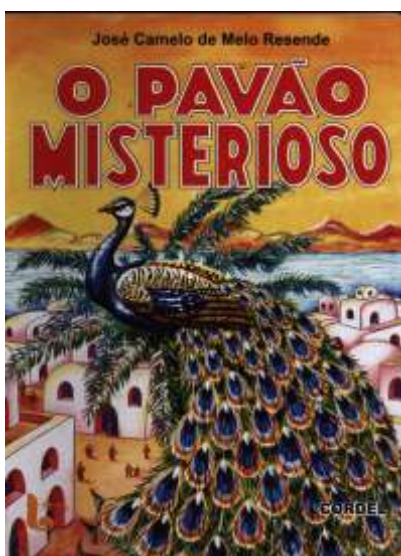


Figura 9 - Folheto “O pavão misterioso”

Fonte: Acervo pessoal

O poeta paraibano nascido em Pilõezinhos é autor de diversos folhetos como *O Bom pai e o mau filho*, *A verdadeira história de Joãozinho e Mariquinha*, *Coco verde e melancia*, *Pedrinho e Julinha* e do best-seller da literatura de cordel *Romance do pavão misterioso* (Figura 9) (RAMOS, [200-]; HAURÉLIO; SÁ, 2007).

Os versos e os poetas da literatura de cordel servem de inspiração à música, à produção de filmes, séries e, como vimos no capítulo anterior, novelas. Personagens, como *João Grilo* de *As proezas de João Grilo* (Figura 10) escrito pelo cordelista João Ferreira de Lima, saem do cordel e ganham novos cenários.

Ariano Suasussa levou este personagem para sua obra intitulada *O Auto da Compadecida*. Esta história ganhou no ano 2000 uma versão para as telonas com direção de Guel Arraes. Desta vez, o personagem *João Grilo* é encarnado na pele do ator Matheus Nachtergaele (Figura 11) (HAURÉLIO, [2008]; O AUTO DA COMPADECIDA, 2000; ADORO CINEMA, 2000).



Figura 10 - Folheto “As proezas de João Grilo”

Fonte: Acervo pessoal



Figura 11 - Matheus Nachtergaele na pele de João Grilo

Fonte: Adoro cinema

Fonte inesgotável de criatividade, o cordel conta com ilustres admiradores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. E esta admiração é recíproca: poetas populares buscam inspiração na literatura dita erudita e lançam releituras e/ou adaptações de grandes clássicos como *O alienista* de Machado de Assis (Figura 12) e *A megera domada* de William Shakespeare (HAURÉLIO, [2008]; CLÁSSICOS RIMADOS, 2009).

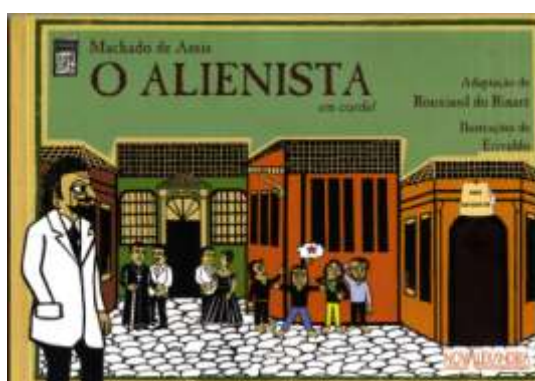


Figura 12 - O alienista em cordel. Adaptação de Rouxinol do Rinaré

Fonte: Casa azul da literatura

Notadamente, é vasta a história da literatura de cordel e não é – nem poderia ser – nossa pretensão esgotá-la aqui. Das terras europeias ao sertão nordestino. Do solo nordestino ao restante do país. O cordel ainda tem muita história para contar.

Mas tão vasto como a própria história do cordel é a diversidade de temas que este gênero literário abarca. Do sagrado ao profano, do cotidiano ao imaginário, da seriedade à comédia. O que a “mala do folheteiro” tem? Vejamos.

5.1 Os assuntos da literatura de cordel

A “mala” ou a “banca do folheteiro” têm cordéis que abordam uma infinidade de temas. Nada passa despercebido pelo olhar do poeta de bancada. Tudo e todos podem virar versos de cordel.

[...] Tem estórias de Camões,
De Malazartes, João Grilo,
Tem verso pra todo gosto
Você escolhe o estilo;
Na tal mala tem cultura,
Desenho e xilogravura
Que encanta o mundo inteiro,
Tem o nordeste da gente;
Tudo isso está presente
Na mala do folheteiro... [...] (VIANA, 2005, p. 4).

A fonte inspiradora dos cordelistas, sem dúvida, é o nordeste. Em solo nordestino os poetas encontram inspiração: “na literatura de cordel, o Nordeste é o espaço geográfico, mítico, trágico. É a região áspera do brasileiro destemido. [...] O Nordeste é a pátria [...] (KUNZ, 2007, p. 27).

Em seus versos, os poetas falam da fome, da seca, das dificuldades. Versam também sobre as festas, as crendices, o cangaço, a religião. Escrevem sobre os acontecimentos do cotidiano e do mundo. Viajam pelo imaginário e o misturam com a vida real. Mundos e personagens se encontram; o que parecia impossível acontece no cordel.

Na literatura de cordel “a fronteira é fraca entre sagrado e profano, mortos e vivos, terra e céu, santos e bandidos, e até entre Deus e o Diabo” (KUNZ, 2007, p. 27). A parceria entre a tradição e a modernidade também está presente nos folhetos.

Por conta da diversidade de assuntos abordados no cordel, alguns autores “classificaram” os temas do cordel distribuindo-os em grupos ou ciclos. Segundo Melo (1994), Orígenes Lessa distribuiu os assuntos do cordel em diferentes ciclos, são eles:

- Ciclo heróico: inclui histórias épicas e tragédias, cangaço, banditismo;
- Ciclo histórico: neste ciclo destaca Padre Cícero;
- Ciclo maravilhoso: histórias fantásticas (destaca seres e acontecimentos sobrenaturais);
- Ciclo religioso e de moralidade;
- Ciclo de amor e de fidelidade;
- Ciclo cômico e satírico;
- Ciclo circunstancial: fatos recentes, acontecidos, política, folhetos de ocasião.

Ariano Suassuna sugeriu uma classificação mais sucinta e dividiu os temas do cordel em dois grupos nomeados “tradicional” e “acontecidos”. Melo (1994, p. 22) nos mostra a proposta de classificação de Suassuna:

1. poesia improvisada; 2. poesia de composição: a) ciclos: heróico; do maravilhoso; religioso e de moralidade; cômico, satírico e picaresco; de circunstância e histórico; de amor e fidelidade; b) formas: romances, canções, pelepas, abecês.

Outra tentativa de classificação dos temas do cordel foi empreendida por Cavalcanti Proença. Esta classificação foi adotada pela Casa de Rui Barbosa e divide os assuntos da literatura de cordel no seguinte esquema (DIÉGUES JÚNIOR, 1986, p. 53):

- Herói humano: herói singular, herói casal, reportagem, política;
- Herói animal;
- Herói sobrenatural;
- Herói metamorfoseado;
- Natureza: regiões, fenômenos;
- Religião;
- Ética: sátira social, sátira econômica, exaltação, moralizante;
- Pelepas;
- Ciclos: Carlos Magno, Antônio Silvino, Padre Cícero, Getúlio, Lampião, valentes, anti-heróis, boi e cavalo;
- Miscelânea: lírica, guerra, crônicas.

Diégues Júnior resumiu as classificações propostas por Ariano Suassuna e Cavalcanti Proença e apresenta sua síntese no ensaio “Ciclos temáticos na literatura de cordel” de 1986 (MELO, 1994).

Distribuindo os temas do cordel em três grupos, Diégues Júnior (1986) teve como propósito analisar os assuntos sob dois enfoques: 1. Que temas são esses; de que maneira são expostos; qual o motivo de sua existência? 2. Como o poeta considera este tema; qual interpretação o cordelista dá ao assunto?

Podemos observar que o autor não está preocupado apenas com a diversidade de temas presentes no folheto de cordel, mas preocupa-se também como esses temas “tocam” o cordelista e o que significam para quem o produz. Para ele, os temas abordados refletem a sociedade em que o poeta vive e como este se vê diante da realidade que o cerca.

Então, a partir da proposta de Diégues Júnior (1986), apresentaremos exemplos de folhetos de cordel dentro de cada classificação sugerida pelo autor:

- Temas tradicionais (Figura 13 a 15): romances e novelas, contos maravilhosos, estória de animais, anti-heróis (peripécias e diabruras), tradição religiosa;



Figura 13 - Canto do povo de Deus
Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão

[...] Juazeiro é a igreja
que Deus quer nos entregar
nossa vida é uma peleja
sempre o amor a praticar [...]
(CANTO DO POVO DE DEUS, 1993, p.7).

[...] Falou São Pedro a Jesus
 aí está Lampião
 pedindo para ficar
 nessa Divina Mansão
 o que é que digo a ele?
 Que pode ficar ou não!? [...]
 (BARROS, [199-?], p. 9).



Figura 14 - Lampião e Maria Bonita no paraíso do Édem, tentados por satanás

Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão



Eu vou contar uma história
 de um Pavão Misterioso
 que levantou vôo da Grécia
 com um rapaz corajoso
 raptando uma condessa
 filha de um conde orgulhoso [...] (MELO, 2001, p. 1).

Figura 15 - Romance do pavão misterioso
 Fonte: Acervo pessoal do Sr. Adão

- Fatos circunstanciais ou acontecidos (Figura 16 a 19): natureza física (secas, enchentes, etc.), social (festas, novelas, etc.), cidade e vida urbana, crítica e sátira, elemento humano (Getúlio, fanatismo, misticismo, cangaço, etc.);

[...] Perguntei ao esqueleto:
 Como é lá no inferno?
 Ele disse: - É um castigo,
 Lá existe o fogo eterno,
 Mas já tem quem o desbanque
 Quando fui a um baile funk
 Achei tudo mais moderno! [...]
 (PINTO; PAPANGÚ, [200-], p. 6).



Figura 16 - Visita de satanás a um baile funk
 Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão



Para tirar o leitor
Duma dúvida ou embaraço
Aqui detalhadamente
Ligeiro um resumo faço
Sobre a vida do famoso
Lampião, rei do cangaço [...]
(SILVA, 1997, p. 1).

Figura 17 - Trechos da vida completa de Lampião
Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão

Ficou coberto de luto
e de vergonha o Brasil
quando criminosa mão,
cruel, desalmada e vil
deixou o mundo chocado
com o massacre de Eldorado
em desessete de abril [...]
(SILVA, 1996, p. 1).



Figura 18 - O massacre de
Eldorado dos Carajás
Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão



[...] Lulinha é o trigésimo
Presidente brasileiro
O primeiro foi Deodoro
e FHC o derradeiro
Todos estes presidentes
Nunca foram justiceiros [...]
(ALFREDO, 2000, p. 2).

Figura 19 - Lulinha paz e amor
Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão

- Cantorias e pelejas (Figura 20 e 21):

[...] P – Sai daí, cego amarelo
côr de couro de toucinho
um cego da tua forma
chama-se abusa vizinho
aonde eu botar os pés
cego não bota o focinho

C – Já ver que seu Pretinho
é um homem sem ação
como se maltrata outro
sem haver alteração?
eu pensava que o senhor
possuísse educação [...] (AMARAL, 1977, p. 7).



Figura 20 - Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho

Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão



GM – Vamos lá, mestre Moreira!
Já que havia me proposto,
topo entrar na brincadeira
e à peleja estou disposto,
mas desde que você queira
pisar mesmo no meu rosto!

MA – Sou um sujeito disposto,
nascido num chão silvestre;
meus versos são de bom gosto,
mas têm formato rupestre,
carrego um riso no rosto,
Mattoso, mas não sou mestre [...] (MATTOSO; ACOPIARA, 2007, p. 1).

Figura 21 - Peleja virtual de Glauco Mattoso com Moreira de Acopiara

Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão

Vimos diferentes abordagens e sugestões de classificação dos temas tratados no cordel. Certamente essas categorias foram elaboradas pelos estudiosos para um melhor entendimento e conhecimento da abrangência temática da literatura de cordel.

Candace Slater (1984) vê a criação das tais categorias sob dois pontos: observa, primeiramente, que a divisão ou classificação dos temas do cordel ajuda para que o público conheça a diversidade de assuntos tratados nos folhetos. Em um segundo momento critica esta abordagem, pois

a longo prazo, os inconvenientes desta abordagem orientada pelo conteúdo sobrepujam [sobressaem] suas virtudes por não poder fazer justiça, seja à unidade inerente ou à genuína diversidade da tradição do cordel (SLATER, 1984, p. 69).

Neste sentido, categorizar os assuntos do cordel em ciclos ou grupos tem apenas como intuito demonstrar o alcance temático dos folhetos. Desta maneira, torna-se mais prático apresentar aos leitores e ao grande público os diferentes temas para os quais os cordelistas emprestam seus versos.

Como acompanhamos anteriormente, a literatura de cordel bebe na fonte de diferentes expressões artísticas, como a música, para compor sua narrativa. Um exemplo muito engraçado do olhar do cordelista sobre a música é o folheto *Carta do satanás a Roberto Carlos* (Figura 22) de Enéias Tavares dos Santos (GEORGINO, 2011).

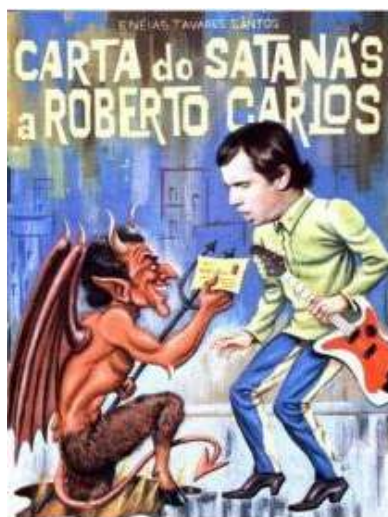


Figura 22 - Carta do Satanás a Roberto Carlos
Fonte: Overmundo

Porque você está mandando
 Todo o mundo para aqui,
 Se esse povo vier todo,
 O que é que fica aí?
 Será o maior deserto
 Que eu fico vendo daqui.

Homem que bate em mulher
 Tem mais de um milhão
 Mais duzentos mil tarados,
 (Entre rapaz e ancião),
 Tem num pequeno galpão
 E quanto mais você canta
 Ainda mais gente vem.

Só de moça depravada
 Ontem chegou mil e cem.
 Aqui já está de uma forma
 Que não cabe mais ninguém
 (SANTOS, [1960?] apud GEORGINO, 2011, p. 40).

Neste folheto, o poeta uniu seu olhar esperto e criativo ao sucesso musical da época. Esta é uma característica dos cordelistas. Reunir o que está na “boca do povo” no momento com credices populares, que neste caso é a figura de satanás (GEORGINO, 2011).

O autor soube interpretar um momento de sua época, na mesma toada em que há mais de um século a literatura de cordel retoma tradições e constrói, em forma de poesia, crônicas da sociedade e da política brasileiras (GEORGINO, 2011, p. 42).

O poeta de bancada “tematiza o cotidiano” (TERRA, 1983, p. 17). Traz para o mundo do cordel a realidade que o cerca e a transforma com a sua imaginação. Narra acontecimentos do dia-a-dia e registra fatos históricos. Este é o conteúdo da literatura de cordel.

5.2 A ilustração nos folhetos de cordel

Utilizada como um recurso para atrair e dialogar com os leitores, a ilustração carrega uma importância no folheto de cordel que vai além da arte. A ilustração nos folhetos permite que o leitor além de interpretar a palavra interprete a imagem, revelando outra forma de se divertir e informar.

Uma ressalva antes de iniciarmos, demos preferência por utilizar o termo ilustração ao invés de desenho. Para uma melhor elucidação da diferença entre os dois termos o *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa* (SACCONI, 2010, p. 640) define que o *desenho* é “um conjunto de formas ou figuras representadas por meio de linhas traçadas sobre uma superfície plana (papel, rocha, madeira, etc.) e ainda segundo o autor (2010, p. 1125 grifo nosso) o termo *ilustração* é uma “imagem, figura ou qualquer outra matéria visual usada para **esclarecer** ou decorar um texto, legenda, livro, jornal, folheto, etc”.

Seguindo a mesma linha da definição, Matos (2007) aborda que a utilização das ilustrações nos folhetos foi feita gradativamente por meio de elementos visuais ou imaginários, sendo inspirados no presente ou no imaginário dos consumidores podendo *antecipar a narrativa, indiciar e/ou sugerir algum momento marcante do conteúdo* do folheto.

As principais técnicas utilizadas para ilustrar os folhetos de cordel são: a zincogravura, a xilogravura e atualmente a policromia. Abordaremos brevemente cada uma, com uma ênfase maior na técnica da xilogravura que é a mais conhecida e difundida das três.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa os primeiros folhetos de cordel não possuíam nenhuma imagem e eram denominados folhetos “sem capa” ou “capas cegas” (Figura 23), estas traziam informações básicas como o título e o autor. Concordando com Matos (2007, p. 11) “até então a função da capa não ia além da simples tarefa de identificação do exemplar”.



Figura 23 - Orphãs do Collegio da Jaqueira no Recife (capa cega)
Fonte: O cordel das feiras às galerias.

Mesmo sem nenhum tipo de ilustração, os tipógrafos da época utilizaram os recursos disponíveis para decorar a capa do folheto. Neste caso, recorria-se à utilização das vinhetas (desenho decorativo ou pequena ilustração) e das orlas (bordas utilizadas para dar mais harmonia na composição) como elemento visual.

Antes da técnica da xilogravura se propagar, as ilustrações dos folhetos de cordel eram feitas em clichês de zinco (que ao contrário da xilogravura que trabalha

com matrizes de madeira, esta trabalha a partir de matrizes metálicas) apresentando ilustrações de cartões postais e fotos de artistas de cinema (Figura 24).

Em depoimento recolhido por Souza (1981, apud HATA, 1999) um folheteiro relata que a aquisição dos clichês era muito barato, pois após serem utilizados por jornais estes eram descartados e reutilizados para a confecção das capas dos folhetos.

Devido a esse fato os clichês de zinco foram bastante difundidos, apesar de ser uma técnica cara em comparação a xilogravura, que, para produção da sua matriz, necessita como material principal qualquer pedaço de madeira.



Figura 24 - Pedrinho e Julinha (clichê de zinco)
Fonte: O cordel das feiras às galerias.

Quanto à prática de utilizar fotos de artistas de *Hollywood*, Matos (2004) descreve que o cinema teve grande influência sobre as capas de cordel principalmente nas décadas de 30 a 50 e “não raro, Gregory Peck se transformava em um valente homem do sertão! E a Rita Hayworth tornava-se a mulher fatal, a mocinha casadoira ou até a ingênua roceira ou a filha de um coronel” (MATOS, 2004, p. 64).

Conhecida pelos chineses há pelo menos mil e duzentos anos a técnica da xilogravura foi utilizada na dinastia Tang (séc. VII/X) para a impressão de livros e de produções baratas e populares como almanaques, objetos ritualísticos e objetos do dia-a-dia. (AMARAL, 2007). A Sutra de Diamante (uma compilação de orações budistas) é o primeiro registro confiável da existência da xilogravura, datada do ano de 868 d.C. (IMPRESSÕES, 2004).

Derivada do grego a palavra xilogravura significa “escrever em madeira” (*xylon* = madeira + *graphin* = gravura/escrita) e sua técnica apresenta dois sistemas de corte: “a gravura a fio, quando o corte é realizado no sentido das nervuras da madeira e a gravura do topo, quando o corte é transversal ao tronco, ou seja, contrariando na vertical o sentido dos fios” (MARTINS, 1987, p. 16).

Anterior aos tipos móveis (tipografia) de Gutenberg a técnica da xilogravura foi amplamente utilizada na Europa do século XIV, para a produção de cartas de baralho, estampas e dos códices, o que permitia de acordo com Costella (2003) um primeiro barateamento no preço dos livros tornando-se assim acessíveis a pessoas com pouco poder aquisitivo. Posteriormente a xilografia acaba por colaborar com a tipografia no campo da ilustração.

A xilogravura desembarcou no Brasil durante o período colonial, através de estampas de tecidos, baralhos e papéis de parede. Durante o século XIX foi utilizada para ilustrar livros e periódicos. Somente no século XX esta técnica passa a contribuir com a literatura de cordel ilustrando seus folhetos (CEM ANOS DE XILOGRAVURA, c2007).

De acordo com Franklin (2007) a primeira xilogravura em um folheto de que se tem registro data de 1907, sendo de autoria de Francisco das Chagas Baptista, chamado *A história de Antônio Silvino* e se localiza na parte interna, diferentemente dos cordéis atuais onde a ilustração se encontra na capa (Figura 25).



Figura 25 - Antonio Silvino
Fonte: O cordel das feiras às galerias.

Ainda segundo o autor (2007, p. 15, grifo do autor):

[...] não havia título e nenhum tipo de apresentação, apenas a legenda pura e simples com o nome de Antônio Silvino. Um homem vestido de chapéu de couro, com bacamarte na mão e espada na cintura, mais parecido com o tipo europeu.

Segundo Hata ([2000?]) o uso da técnica da xilogravura como um elemento de legitimação do folheto foi implantado na década de 50 por pesquisadores entusiastas que divulgaram esta como uma “técnica representativa da expressividade artística popular”.

Quanto a sua popularidade, a xilogravura não era bem quista entre os tradicionais leitores do cordel (o sertanejo) esta era considerada algo “inteligente e intelectual”, devido a técnica ter sido implantada pelos intelectuais da época e estes não levarem em consideração as técnicas que já vinham sendo utilizadas para ilustrar os folhetos, sem contar que muitos leitores ao verem os folhetos ilustrados a partir da técnica da xilogravura consideravam como uma cópia, algo falso (HATA, 1999) (Figura 26).



Figura 26 - Pedrinho e Julinha (xilogravura)

Fonte: O cordel das feiras às galerias.

A discussão zincografia x xilogravura é cheia de controvérsias entre estudiosos e folheteiros. Os primeiros defendem a utilização da xilogravura nos folhetos alegando ser um artesanato, uma manifestação artística, enquanto os

segundos optam pela zincografia por considerarem que o nível de elaboração gráfica é maior que o da xilogravura (HATA, 1999).

Quanto à técnica da xilogravura utilizaremos para exemplo a empregada pelo xilógrafo J. Borges (Figura 27), presente no livro *A arte de J. Borges do cordel à xilogravura* (2008):

A produção da matriz na madeira – geralmente a umburana, por ser uma árvore comum da caatinga brasileira – pode ser feita diretamente na madeira traçando com lápis e/ou grafite para após realçar com uma caneta hidrográfica. Alguns xilógrafos optam por fazer um rascunho para depois transferir a gravura para a madeira.

O corte é feito com ferramentas como a goiva – espécie de formão com ponta de fio curvo – e o estilete de aço, usa-se em alguns casos o prego para criar mais detalhes na gravura. A finalização da matriz se dá na aplicação de uma lixa de granulação, polindo a superfície entalhada ao máximo para o recebimento da tinta.



Figura 27 - J. Borges
Fonte: Cem anos de xilogravura

Esta técnica permite uma contínua reutilização da matriz, além de ser um processo mais fácil e rápido, podendo se desvincular dos folhetos para compor álbuns, postais ou serem comercializadas como peças artísticas (MATOS, 2007).

A comercialização da matriz da xilogravura tornou-se algo corriqueiro. Devido a este fato, passou a se ter um cuidado maior na confecção destas por serem vendidas como um novo objeto de arte (A ARTE DE J. BORGES, 2008).

Essa nova perspectiva sobre a técnica da xilogravura permitiu sua autonomia perante os folhetos de cordel, indo além da função aplicada à imprensa como um processo de gravação e impressão (IMPRESSÕES, 2004).

Alguns artistas como Lasar Segall, Oswaldo Goeldi e Samico, se apropriaram da xilogravura como forma de expressão e linguagem, (Figura 28 e 29) e, “dessa forma, a xilogravura de origem popular converge, em parte, para a órbita da gravura erudita” (COSTELLA, 2003, p. 64).



Figura 28 - Cabeça de negro (1929)
Xilogravura Lasar Segall
Fonte: Museu Lasar Segall



Figura 29 - Juvenal e o dragão I (1962)
Xilogravura de Gilvan Samico
Fonte: Arte e Eventos

Mesmo com concordância e divergências, altos e baixos, a colaboração da xilogravura com a literatura de cordel (e vice-versa) tem mais de 100 anos, completados no ano de 2007, sobre essa união Alves e Cavalcante (2005, p. 1) dizem:

Cordel e xilogravura
Vão quebrando preconceito
Abrindo novo horizonte
Talento, amor e respeito
O tempo é sua bravura
O homem e a cultura
Na luta do mesmo jeito [...].

Atualmente a técnica da policromia (processo de impressão onde mais de três cores são utilizadas) é a mais utilizada para ilustrar as capas dos cordéis (Figura 30). Com gravuras coloridas e chamativas, a técnica inova os folhetos e tenta alcançar diferentes tipos de público (MATOS, 2007).

A policromia, assim como a zincogravura, não é aceita pelos estudiosos dos folhetos de cordel (HAURÉLIO, 2010), que como já abordado, consideram apenas a xilogravura como a verdadeira representação do cordel.

De acordo com Souza (1995) os folhetos com ilustrações em policromia, editadas pela Editora Luzeiro, tem um grande apelo popular, porque além de trazer as cores para os folhetos, apresentam um papel de qualidade superior, mais resistente e com dimensões maiores que a dos folhetos tradicionais.



Figura 30 - Pedrinho e Julinha (policromia)
Fonte: Editora Luzeiro

Como pudemos observar, houve uma mudança das técnicas utilizadas nas capas dos folhetos de cordel, mas todas com a intenção de através da ilustração agregar algum valor à literatura de cordel, seja como um atrativo para chamar mais consumidores, identificar o exemplar ou com uma forma de arte popular.

Se no seu início a capa tinha como utilidade proteger o folheto e continha apenas o autor e o título como forma de identificar o exemplar, atualmente a capa com o acréscimo das ilustrações tem a função de informar, condensando em apenas uma figura o conteúdo do folheto.

Ao verificar essa evolução notamos que as ilustrações são coerentes com o texto, estabelecendo assim um vínculo entre a ilustração e o texto, porém, alguns

autores desconsideram esse potencial informativo, segundo Haurélio (2010, p. 99-100):

A essência do cordel está no texto e não na capa, na vestimenta. É um despautério subordinar o conteúdo à ilustração, numa inversão de valores na qual o acessório torna-se mais importante que o essencial.

Do ponto de vista de outros autores não só o conteúdo tem valor informativo, como equivale a autenticidade, de acordo com Hata ([2000?]):

Para o leitor tradicional, muitas vezes analfabeto, a imagem permite o reconhecimento de que aquele folheto traz realmente a história criada por Leandro Gomes de Barros, possibilitando, inclusive, a identificação da temática contida.

Hata ([2000?]) vai ao encontro com as ideias de Matos citadas no começo do capítulo de que as ilustrações representam a narrativa ou parte dela, refletindo o eu imaginário do leitor permitindo assim que se crie uma *memória visual*, onde as imagens passam a ter um sentido, um significado.

De acordo com Dondis (1997, p. 134) “a força maior da linguagem visual está em seu caráter imediato, em sua evidência espontânea”, o que faz que a informação seja transmitida diretamente.

Como exemplo, peguemos a famosa obra *O Pavão Misterioso*, que traz em sua capa a ilustração de um pavão, refletindo o seu título e, por conseguinte o seu conteúdo. Assim que um leitor vê a capa, já sabe que se trata da história do pavão misterioso.

Independente da técnica empregada, o importante é que a ilustração cumpra seu objetivo que é de refletir parte do conteúdo da obra. Vemos esta importante interação entre texto e ilustrações nos livros infantis, quando a criança consegue compreender o conteúdo ou parte dele através das ilustrações.

Portanto podemos concluir que além do potencial informativo que os folhetos de cordel têm em seu conteúdo com sua linguagem de fácil acesso, as capas colaboram para potencializar seu valor informativo, através de ilustrações que povoam o imaginário do leitor, facilitando sua compreensão, além de serem belas obras de arte.

6 LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Acompanhamos até aqui os aspectos históricos da literatura de cordel. Iniciamos este trabalho introduzindo o leitor no contexto em que este gênero literário está inserido. Vimos que o cordel está no seio da cultura popular, mas que esta cultura contribui e se transforma ao passo que interage com outras vertentes culturais.

Vimos também que o cordel inspira e busca inspiração em diferentes expressões artísticas e produtos culturais. Propomos neste capítulo evidenciar o cordel sob outro aspecto: como fonte de informação, ou seja, a contribuição do cordel como fonte informacional e como esta literatura dialoga com algumas áreas do conhecimento.

Para tanto, primeiramente, conheceremos os conceitos e tipos de fontes de informação presentes na literatura da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Os suportes informacionais evoluem e se transformam ao longo do tempo. Desde as mais antigas tabuletas de argila até a internet, a informação encontra enorme variedade de suportes no qual pode ser inserida e posteriormente disseminada e consultada.

A diversidade de fontes informacionais é encontrada com facilidade na literatura, mas, pelo que pôde ser verificado, pouco se diz sobre sua definição. Como é caracterizada, afinal, uma fonte de informação?

Diante das constantes transformações e evolução das fontes informacionais, buscamos coletar sua definição em diferentes períodos. Traremos aqui definições de fontes de informação entre os anos de 1960 e 2009.

Para Beckman e Silva (1967, apud PASSOS; BARROS, 2009, p. 121), as fontes de informação “constituem o lugar de origem, donde a informação adequada é retirada e transmitida ao usuário [...]”.

De acordo com Litto (1980, p.1), fonte de informação é “a fonte que registra os dados acerca de alguém ou de alguma coisa”. Já o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* define fonte de informação como “documentos que fornecem respostas específicas” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 172).

Portanto, pode-se conceituar fonte de informação como sendo o suporte (físico ou não) onde a informação está fixada e/ou registrada. Em outras palavras, fonte de informação é onde a informação está armazenada e é passível de recuperação.

Segundo Parker (1986 apud SOUZA 1997, p. 180), as fontes de informação dividem-se em quatro grupos: “pessoas, organizações (comerciais, profissionais, associações), literatura e serviços de informação (serviços computadorizados, escritórios e agentes)”.

As fontes de informação organizada são distribuídas ou classificadas em: primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias são os documentos originais, as fontes secundárias contêm informações advindas das fontes primárias e, finalmente, as fontes terciárias “guiam” os pesquisadores para as fontes primárias e secundárias (PASSOS; BARROS, 2009).

As fontes primárias de informação dividem-se, de acordo com Carvalho (2001, p. 8), entre formais e informais:

As fontes formais, são aquelas que têm uma forma, são representadas em suportes físicos (papel, filme) em suporte eletrônico, disquete, CD ROM, são fontes estruturadas. Quanto as fontes informais são as que não tem estrutura, a informação é transmitida oralmente (conferência, aula) e em suporte eletrônico, na Internet (chats, correio eletrônico, listas de discussão).

Com base na obra *Introdução às fontes de informação* organizada por Campello e Caldeira (2008), dentre os tipos de fontes de informação organizada existentes estão:

- Dicionários;
- Enciclopédias (suporte papel ou eletrônica);
- Fontes biográficas (biografias, dicionários biográficos, índices biográficos, diretórios de pessoas, almanaques, etc.);
- Fontes de informação geográfica (atlas, mapas, globos, guias, etc.);
- Bibliotecas, arquivos e museus;
- Internet.

Além das tipologias elencadas acima, devemos destacar as fontes mais tradicionais de informação organizada: os periódicos (jornais, revistas, anuários) e os livros.

Como citado anteriormente, a literatura caracteriza-se também como fonte de informação. Destacamos aqui não a literatura científica de uma determinada área do conhecimento, mas sim a obra literária.

Parafraçando Casa Nova (1998), a literatura como forma de condução do pensamento, caracteriza-se como via de acesso à informação. A autora afirma ainda que a literatura de cordel era a fonte de informação para o povo do sertão nordestino e, por parte de alguns leitores, era vista apenas como uma espécie de jornal.

Voltando às suas origens e objetivo primeiro, a literatura de cordel servia à população do nordeste como um veículo noticioso e importante fonte de informação. Nas localidades desprovidas de meios de comunicação como o rádio e a TV, “o cordel passou a ser o jornal diário, informando, divertindo e revitalizando a tradição da escritura de autoria popular” (DINIZ, 2007, p. 2).

Sendo um suporte de fácil manuseio e de baixo custo, era através dos folhetos que as camadas populares tinham contato com o noticiário. Por vezes os cordéis eram lidos coletivamente, propiciando a aproximação de indivíduos não alfabetizados com o mundo da leitura e da escrita (MENEZES NETO, 2008).

Mesmo com a presença do rádio e da TV, ou de outros meios de comunicação como o jornal, os leitores davam preferência às informações veiculadas pelos folhetos de cordel. O folheto era utilizado como “uma espécie de jornal do povo” e a notícia passada pela voz dos poetas possuía mais credibilidade do que aquelas transmitidas nos meios de comunicação tradicionais (MACIEL 2010, p. 6).

Esta preferência deve-se, talvez, ao fato de que o cordel une informação e divertimento; entretém, enquanto informa: “o folheto era, sobretudo uma fonte de informação capaz de divertir” (GALVÃO, 2001, p. 184).

A linguagem em que o cordelista transmite a informação também contribui para que o leitor prefira informar-se pelo cordel. Este gênero literário trata e transmite o conteúdo de maneira acessível, o que o torna um instrumento de disseminação da informação que atinge diferentes públicos (MACIEL, 2010).

Ainda neste sentido, Gaudêncio e Borba (2010) dizem que independente da presença de meios de transmissão da informação como o rádio, a televisão, os jornais e a internet, o cordel é o que mais se aproxima da linguagem do povo. Os poetas transmitem a informação de uma forma mais clara e próxima ao leitor. Linguagem esta que nem mesmo os meios de comunicação de massa conseguem alcançar.

A estrutura, musicalidade e rima do cordel contribuem para que seu conteúdo seja assimilado com mais facilidade por parte de seus leitores e/ou ouvintes. “A forma descontraída e ritmada é peculiaridade dessa vertente literária, que, na construção desses textos, contempla uma leitura simples do fato” (SILVA; SOUZA, 2006, p. 217).

O cordelista busca a informação em diferentes fontes e a traduz para a estrutura poética, ou seja, transformam em versos as informações coletadas em diversos meios e suportes informacionais (GALVÃO, 2001).

Os acontecimentos são relatados sob a ótica dos cordelistas que encontram no cotidiano o teor de suas narrativas. Sendo assim, “os poetas narram as situações, partindo de uma visão própria, colocando nos versos sua percepção sobre o assunto” (SILVA; SOUZA, 2006, p. 217).

Como vimos no capítulo anterior, a literatura de cordel caracteriza-se por sua diversidade temática e torna-se atrativa por conta desta característica. Com isso, torna-se fonte informacional que abarca e percorre diferentes assuntos e áreas do conhecimento. Referente a esta característica do cordel, Silva e Souza (2006, p. 217) destacam que

A literatura de cordel se apresenta como uma fonte de informação riquíssima para pesquisa em diversas áreas. A diversidade de informação constante nesses textos propicia o acesso à vivência cultural de um determinado povo.

Concordando com Gaudêncio e Borba, o cordel é um “‘poço’ rico de informações” (2010, p.4). Os autores destacam ainda que

os folhetos são de fato uma fonte de informação real que de uma maneira ou outra tem incansavelmente contribuído para ajudar no processo de educação continuada, iniciação à instrução, por motivar a descoberta do lúdico e do imaginário junto às camadas populares em especial (GAUDÊNCIO; BORBA, 2010, p. 4).

Por sua forma atuante no que diz respeito à disseminação da informação, segundo Maciel (2010, p. 1), a literatura de cordel é um “instrumento de folkcomunicação”. Neste sentido, a função exercida pelo cordel vai além do simples entretenimento,

trata-se de um dos instrumentos folkcomunicacionais de transmissão do conhecimento estruturado em versos simples com rimas que vislumbram mostrar a vida no sertão e na cidade, as experiências, as vivências, os saberes do povo, medicina popular, a política, além dos assuntos da atualidade e do passado”. (MACIEL, 2010, p. 6).

Termo empregado por Luiz Beltrão em 1967, folkcomunicação designa “todo e qualquer tipo de informação disseminada por meio do folclore ou dos construtos culturais” (MACIEL, 2010, p. 6). De modo geral, folkcomunicação é “comunicação em nível popular” e “está inserida no ato de informar através dos suportes culturais, a exemplo do cordel nordestino” (MACIEL, 2010, p. 7).

Atualmente, a literatura de cordel caracteriza-se como fonte e meio de disseminação de informações “para além dos sertanejos” e serve de inspiração para diversos estudos de âmbito acadêmico (MACIEL, 2010).

Em relação a que tipo de fonte de informação o cordel se enquadra, observamos que este gênero literário pode ser tanto fonte primária como secundária. Como exposto do capítulo anterior, os cordelistas produzem os folhetos tanto a partir de suas experiências e vivências pessoais como buscam inspiração em diferentes expressões artísticas. As adaptações e releituras de obras clássicas também são frequentemente produzidas pelos poetas de bancada.

Por se tratar de fonte fidedigna de informação “é de suma importância aos profissionais da informação conhecer e interagir com esse tipo de fonte, a fim de conquistar a garantia de sua utilização” (MACIEL, 2010, p. 8).

Os folhetos de cordel podem ser utilizados nas bibliotecas também como meio de divulgação de produtos e serviços oferecidos aos usuários, bem como divulgar outras fontes de informação disponíveis para pesquisa.

Raimundo Muniz, em seu *Cordel informativo*, versa sobre os serviços disponíveis aos usuários da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Este cordel tem por objetivo estimular a utilização das fontes de informação presentes na biblioteca, bem como divulgar seus serviços (OLIVEIRA, 2011).

O livreto de cordel
 É um recurso didático
 Visto que ele é muito prático
 Versando diversos temas
 Num estilo catedrático [...]

Descrevendo as ciências
 Das Letras à Matemática
 Quando através dos seus versos
 Investiga a problemática
 Divertindo e informando
 Bem respeitando a gramática

O cordel vem informar
 Como pode-se atender
 Portanto, preste atenção
 No que aqui vou descrever
 Sobre o que a Biblioteca
 Oferece pra você [...] (MUNIZ, 2011, p. 3)

Em nota biográfica no final do *Cordel informativo* o autor (que também é bibliotecário) diz que a literatura de cordel é a principal fonte de informação que contribuiu para seu desenvolvimento pessoal e por meio deste gênero literário também adquiriu o gosto pela leitura (MUNIZ, 2011).

O cordel *Caminhos da biblioteconomia e ciências da informação* (Figura 31) também versa sobre bibliotecas e traz informações acerca do histórico da biblioteconomia e da trajetória do livro:

[...] Na cultura helenística
 a biblioteca cresceu
 e até a Alexandria
 o fenômeno se percebeu
 de Biblioteconomia
 um pouco se absorveu

Nesse ponto da história
 ordem de Ptolomeu
 navios eram parados
 esse fato aconteceu
 livros eram copiados
 um bom acervo rendeu [...]

[...] Com a imprensa de Gutemberg
 o livro barateou
 da igreja o monopólio
 rompimento provocou
 olhe para trás e veja
 o comércio acelerou [...] (GOMES, [200-], p. 1)



Figura 31 - Caminhos da biblioteconomia e ciências da informação
Fonte: Bisbliotando

Além de fornecer informações sobre os serviços disponíveis aos usuários, quais fontes de pesquisa a biblioteca dispõe e abordar aspectos históricos da biblioteconomia (como vimos nos folhetos acima), os cordelistas por meio de seus versos prestam homenagem ao profissional bibliotecário.

No folheto *Parabéns bibliotecário* (Figura 32), César Obeid traça “um painel versificado sobre a função social e educativa” do profissional da informação (TEATRO DE CORDEL, [2010?]):

Peço a Deus inspiração
Pra ditar neste papel
De alguém que faz dos livros
O mais belo painel
Seu trabalho é tão diário
Falo do bibliotecário
Com as rimas de cordel [...].

[...] Mas às vezes seu trabalho
Tem anônimo valor
Porém isso, para eles
Nunca, nunca causa dor
Vive pra ganhar leitores
Ajudar pesquisadores
Como multiplicador [...].

[...] Eles que nos facilitam
Pra ter mais informação
Mais do que arrumar estante
É a total transformação
De uma arte pra ciência
Todo dia uma experiência
Entra em seu coração [...] (OBEID, 2005, p. 1).

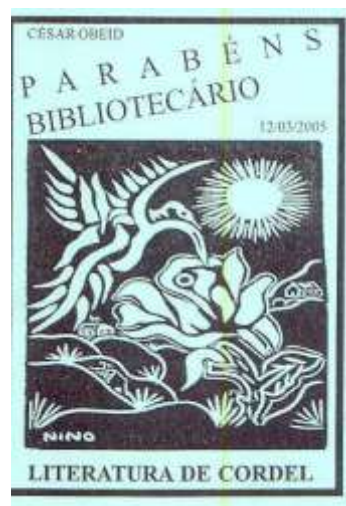


Figura 32 - Parabéns bibliotecário
Fonte: Teatro de cordel

Como verificamos, a literatura de cordel trata de diversos assuntos e abrange diferentes áreas do conhecimento. O poeta cordelista recorre a diferentes meios de comunicação e fontes de informação para compor suas narrativas. Tem como matéria-prima para a criação de seus folhetos o próprio cotidiano.

Não seria exagero dizer que o folheto é o produto do que quer que lhe passe pela frente e venha a estar ao alcance da inspiração, assim como acontecimentos sociais e políticos, estórias correntes na oralidade, personagens histórico-políticos, dramas sociais, catástrofes, revoluções, temas bíblicos, personagens e produções do rádio e da televisão, sonhos, ficção, recriações de filmes (FREIRE, [2002?], p. 9).

Dentre as áreas do conhecimento para qual a literatura de cordel empresta seus versos está a área da saúde. Os cordelistas trazem em seus folhetos questões relacionadas à prevenção de doenças e sintomas causados por determinadas patologias. Nesta área o cordel atua como meio de comunicação, educação e disseminação de informação em saúde (PAGLIUCA et al., 2007).

A literatura de cordel também “[...] passou a tornar-se aliada no combate às doenças e epidemias, sendo apropriada pelos governos e instituições privadas, no campo e na cidade” (FREIRE, [2002?], p. 9).

Os cordelistas que se aventuram nesta área, normalmente, atendem a chamados de pessoas ou órgãos que tenham interesse de lançar campanhas educativas e/ou informativas: “[...] Os poetas de folhetos de cordel não iam se inspirar espontaneamente para versejar sobre temas que não são propriamente inspiradores... [...]” (FREIRE, [2002?], p. 10).

Tendo em vista o poder informativo do cordel, o Ministério da Saúde lançou o *Cordel das DST* (Figura 33) com informações acerca das formas de contágio e métodos de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

Minha amiga, minha ouvinte
Um recado para você
Agora vou te contar
O que é DST.

Parece complicado
Mas nada é tão impossível
DST é doença
Sexualmente transmissível [...] (BRASIL, [200-], p. 1)



Figura 33 - Cordel das DST
Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão

A literatura de cordel trata de temas delicados como DST e AIDS de uma forma lúdica. Fazendo uso de palavras que estão presentes no vocabulário cotidiano do leitor, o cordel facilita a compreensão da mensagem. Em outras palavras, o cordel fala sem “arrodeios” (GOMES, 2005).

Importante destacar que mesmo tratando questões relacionadas à saúde de forma lúdica e utilizando-se linguagem coloquial, os cordelistas baseiam-se na literatura científica da área para compor seus cordéis (GOMES, 2005; PAGLIUCA et al., 2007).

Alguns cordéis sobre medicina preventiva foram produzidos por “doutores poetas”, ou seja, pessoas que utilizam do folheto e de sua linguagem popular para divulgar um saber específico, independente de seu nível de escolaridade” (FREIRE, [2002?], p. 10).

Destacamos também a presença da literatura de cordel na publicidade. O marco inicial para que o cordel fosse encomendado com finalidade educativa foi o folheto *A fera invisível ou o triste fim de uma trapezista que sofria do pulmão*. Devido à grande e positiva repercussão deste folheto, o cordel passou a ser visto como meio de divulgação publicitária (COSTA; TORRES, 2004).

Os cordelistas se viram diante da dificuldade de publicação dos folhetos. Esta dificuldade se deu em razão do aumento dos preços do papel e de outros produtos da indústria gráfica. O anunciante aparece, então, como colaborador financeiro (COSTA; TORRES, 2004).

De um lado os cordelistas levantam recursos financeiros para a publicação de suas produções e, do outro, o propagandista tem seu produto anunciado no folheto.

Inicialmente, as propagandas estavam localizadas nas quarta-capas dos folhetos (COSTA; TORRES, 2004), como vemos abaixo (Figura 34):



Figura 34 - Propaganda das lojas Arapuã
Fonte: Acervo pessoal Sr. Adão

A publicidade não ficou somente na quarta-capa e avançou para as páginas do folheto. Encontrou nos versos do cordel uma forma de levar seus anúncios publicitários ao público. Um exemplo deste tipo de propaganda é o cordel *O matuto que ganhou uma noiva por farinha* de Raimundo Viana, que faz alusão ao *Café Guimarães* (COSTA; TORRES, 2004).

Eu aviso para os pais
Para os filhos, para as mães,
Que na hora da merenda
Entre tardes ou manhãs
Não esqueças de tomar
Do bom café Guimarães... [...] (LIMA, 1978, p. 93 apud COSTA;
TORRES, 2004, p. 7).

Assim como na área da saúde, os poetas eram convidados a produzir cordel dedicados à anúncios publicitários. As agências publicitárias contratavam os serviços dos cordelistas mais conhecidos para a produção de campanhas (CARVALHO, 1994).

Atualmente, empresas como a *Consul* (Figura 35) e a *Aromas em Cordel* (Figura 36) utilizam a literatura de cordel e/ou a xilogravura para aproximar seus produtos e seus consumidores. Desta forma, aproximam também diferentes culturas (CORDEL SP, 2005).



Figura 35 - Ilustração representando cordel criada para campanha publicitária da marca Consul
Fonte: Cordel SP



Figura 36 - Fragrância inspirada na literatura de cordel
Fonte: Aromas em cordel

A publicidade tem o cordel como um grande aliado na divulgação de produtos e campanhas, sobretudo aquelas com forte apelo visual. “Anúncios publicitários, e outras formas de comunicação que se utilizam do aspecto visual, encontraram no cordel uma ferramenta de trabalho sem igual” (A ARTE, 2009, p. 1).

Verificamos até agora a utilização da literatura de cordel nas áreas da saúde e da publicidade e sua importância não só como fonte de informação, mas como veículo de informação possibilitando que a informação alcance a todos.

Como já abordado a literatura de cordel era utilizada como um jornal trazendo em seus versos notícias sobre o cotidiano e a realidade social do povo nordestino,

fator crucial para alguns leitores que tiveram como primeiro contato este tipo de literatura.

Em seu livro *Memórias de um Retirante* o autor Raimundo Nonato (1957, p. 56) relata em um depoimento a importância da literatura de cordel na sua formação:

Na verdade, nessa primeira fase não me preocupavam os livros, de que não possuía menor idéia, nem as bonitas coleções, ricamente encadernadas, com nomes dourados nas costaneias. O que me prendia, sobretudo, na livraria de Tião Cruz, eram os pequenos impressos, as brochuras sem menor valia, os folhetos de cantadores [...], todos repletos de encantadoras aventuras e belas descrições. Desses livrinhos esquecidos, o nome de muitos não me saíria mais da cabeça. [...] Foi no correr das folhas desses livrecos baratos que realmente aprendi a ler.

O cordelista Acopiara (2003 p. 2) também trata sobre as questões da educação em seu cordel *Nos caminhos da educação* feito especialmente para o Serviço Social da Indústria (SESI):

[...] Só que eu não vou fazer isso
Por causa de um bom palpite,
Mas porque um professor
Me fez o feliz convite.
E sabendo que na vida
Todos temos um limite [...].

Achei a iniciativa
Ser por demais pertinente,
Até porque no Nordeste,
Num passado bem recente,
Cordel alfabetizou
E informou bastante gente.

É que os cordéis sempre são
Histórias bem trabalhadas,
Possuem linguagem fácil,
Estrofes sempre rimadas,
Versos sempre bem medidos,
Palavras cadenciadas.

E eu que nasci no sertão
E no sertão fui criado,
Estou à vontade, pois
De casa para o roçado
Foi através do cordel
Que fui alfabetizado [...].

A utilização do cordel nas salas de aula ainda é pouco empregada, mas a cada dia vai abrindo espaço juntamente com outros tipos de literatura. A inserção deste “ilustre desconhecido” nas salas de aula surge de diferentes maneiras: em festas ligadas a cultura popular ou a projetos de leitura, não sendo uma prática comum dos jovens atualmente ler cordel (MONTENEGRO, 2009, p. 1).

De acordo com Alves (2008) a utilização da literatura de cordel em sala de aula desperta no aluno o senso crítico, a capacidade de observação da realidade social, política, histórica e econômica.

Para Santana (2009) o cordel como ferramenta didática permite que o aluno entre no universo literário, reconheça esta forma de cultura e implica na vitalização do gênero resgatando seus valores.

Alguns docentes inserem o cordel na sala de aula através de oficinas interdisciplinares e projetos. Alguns projetos como o *Acorda cordel na sala de aula* (Figura 37) criado em 2002 pelo cordelista Arievaldo Viana, que visa a alfabetização de jovens e adultos através da literatura de cordel, foi implantado nas escolas do Ceará (PARADISO, 2009).



Figura 37 - Acorda cordel na sala de aula
Fonte: Acorda Cordel (2011)

Como constatamos, além da função informativa, o cordel atua também como uma ferramenta de auxílio a área da educação, sendo um recurso que pode ser utilizado por docentes em diferentes disciplinas (ARAÚJO, 2008), fazendo com que os alunos aprendam de uma maneira fácil, acessível e criativa sobre qualquer tema e área do conhecimento.

A literatura de cordel é um meio de troca de informações (CASA NOVA, 1982). O cordelista é “comunicólogo por excelência” (BRANDÃO, 1991, p. 5). O poeta de bancada permeia diferentes áreas do conhecimento e versa sobre uma infinidade de assuntos e “NADA é estranho à literatura de cordel” (BRANDÃO, 1991, p. 5, grifo do autor).

Vimos que a literatura de cordel permeia por diversas áreas e assuntos, possui temas ricos e variados e assim como qualquer fonte de informação, deve ser passível de verificação quanto sua origem e confiabilidade.

Como pudemos verificar, o cordelista é a voz do povo e com seus versos atua como verdadeiro transmissor de informações. Informação esta compreensível por leitores e/ou ouvintes de diferentes camadas sociais. A literatura de cordel é uma fonte democrática de informação. Assim como a própria cultura, o cordel é dinâmico e “passeia com desenvoltura” por diferentes temas e áreas do conhecimento (FREIRE, [2002?], p. 10).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho com os seguintes questionamentos: porque a literatura de cordel não está tão presente nos acervos das bibliotecas? Porque o folheto de cordel, dono de uma linguagem acessível e que versa sobre diferentes assuntos, não é tratado como fonte de informação?

Verificamos na literatura científica se os cordéis são vistos como fonte de informação e qual a opinião dos autores em relação a seu conteúdo. Neste levantamento, a literatura de cordel revelou-se importante fonte e meio de transmissão da informação.

A abrangência temática do cordel e seu conteúdo, sempre alinhado ao saber científico, destacam-se. Transmitir informações acerca de assuntos delicados, como no caso da saúde, e que essas informações sejam entendíveis por qualquer pessoa independente de sua escolaridade ou classe social não é uma tarefa fácil. E isso o cordel faz com maestria.

Em nossas andanças em busca de mais contato com o universo da literatura de cordel, participamos de um encontro com o cordelista Marco Haurélio no Sesc Carmo. Na ocasião o poeta salientou que cordel não é o suporte, mas sim o conteúdo.

O cordelista tocou em um ponto importante. Muitas vezes o cordel é associado somente ao folheto, mas hoje contamos com diferentes suportes onde esta literatura pode estar inserida. Desde o suporte papel até o mundo digital, o cordelista encontra espaço para seus versos.

Sabemos que o suporte onde a informação está inserida influencia e muito na escolha do profissional bibliotecário. A forma de armazenamento e disponibilização de um suporte frágil como o folheto pode pesar negativamente na escolha e aquisição deste material. Por isso, importante lembrar que o cordel não se restringe ao suporte e que esta literatura pode ser encontrada em diferentes formatos.

Em produtos culturais como novelas e filmes, verificamos a influência direta da literatura de cordel no enredo e na composição dos personagens. Neste sentido, o cordel também é fonte de inspiração para diferentes expressões artísticas. Neste caso, a inspiração é uma via de mão dupla, pois os poetas de bancada também buscam elementos de outras culturas para compor e enriquecer suas narrativas.

Uma das principais características da literatura de cordel é que seus poetas buscam inspiração também no cotidiano e na realidade que os cerca. Por isso, o cordel é conhecido como o jornal do povo. Esta característica contribui para o registro de momentos históricos ou do contexto em que aconteceram esses fatos. O cordel contribui, assim, como fonte de informação histórica.

Os cordelistas versam sobre uma infinidade de temas. Unem diferentes mundos e seres; falam de religião e política; criticam injustiças e denunciam a vida sofrida do nordestino; versam sobre a saudade de sua terra natal; mostram-nos a realidade ou nos levam ao mundo imaginário.

O cordel entra em diferentes áreas do conhecimento e contribui como meio de disseminação da informação nessas áreas. Abordamos neste trabalho, a literatura de cordel inserida nas áreas de biblioteconomia, saúde, publicidade e educação. Constatamos que em todas essas áreas o cordel é visto como fonte de informação.

Embora tenhamos encontrado poucos trabalhos sobre literatura de cordel na área biblioteconomia, esta literatura se mostrou importante tanto como fonte disponível para pesquisa, como meio de divulgação dos serviços e produtos oferecidos pela biblioteca.

Na área da saúde, a literatura de cordel é utilizada como meio de comunicação. Atua como veículo de divulgação de campanhas preventivas, contribuindo assim para a educação em saúde.

A literatura de cordel também se destaca como instrumento para a educação. Por possuir uma linguagem próxima ao do leitor e abordar temas do cotidiano, o cordel propicia o desenvolvimento da visão crítica em relação ao tema abordado.

A publicidade trouxe para seus produtos a linguagem do cordel e os traços da xilogravura, demonstrando assim o potencial informativo e comercial deste gênero literário.

Acreditamos que o bibliotecário não deve ter preconceitos em relação a determinadas fontes de informação. Popular não significa baixa qualidade. Devemos oferecer a nossos usuários todo tipo de material e deixemos que ele selecione e escolha aquilo que mais se aproxima de suas necessidades.

Porque a literatura dita erudita está presente nos acervos e o gênero popular está fadado às estantes dedicadas ao folclore? Ora, se a literatura de cordel (como o

próprio nome diz) é um gênero literário porque esta deve estar à margem dos outros tipos de literatura?

Cabe ao profissional bibliotecário disponibilizar e divulgar este tipo de literatura, demonstrando seu valor e importância. A presença da literatura de cordel na biblioteca contribui não só para a valorização de seu conteúdo informativo, mas também de seu autor.

Descobrimos a influência do cordel em diferentes obras já conhecidas por nós, como O auto da compadecida. Estranho é como diversos autores são influenciados pela literatura de cordel, mas ela continua desconhecida pelo grande público, ou seja, segue como coadjuvante.

Com o desenvolvimento deste trabalho, acreditamos ser função do bibliotecário incentivar e mediar a utilização da literatura de cordel nas diferentes unidades de informação.

Concluimos este trabalho reafirmando nossa idéia inicial: o cordel é realmente uma fonte de informação. E o que cremos ser mais importante: aprendemos a admirar e respeitar ainda mais este gênero literário.

REFERÊNCIAS

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. Xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Acatu, 2009.

_____. **Nos caminhos da educação**. 2003. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/cordeis/cordeis.htm>>. Acesso em: 27 out. 2011.

_____. **O que é cultura popular**. Xilogravura de Erivaldo da Silva. São Paulo: [s.n.], 2006.

ACORDA CORDEL. Disponível em: <<http://acordacordel.blogspot.com/2011/05/arquivo-do-cordel.html>>. Acesso em: 27 out. 2011.

ADORO Cinema. **O auto da compadecida**. 2000. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/auto-da-compadecida/>>. Acesso em: 24 Out. 2011.

ALFREDO, Olegário. **Lulinha paz e amor: o presidente popular**. Ilustrado por Evaristo Barbosa. Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

ALVES, Jénerson; CAVALCANTI, Hérlon. **Cordel e xilogravura: união de artes seculares**. Xilogravura de Dila. [S.l.]: Folheteria Carvara, 2005.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 2, v. 4, p. 103-109, jul.-dez. 2008. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2011.

AMARAL, A. E. Maia. Identidades e entendimentos: a xilogravura popular no triângulo Foshan-Macau-Hong Kong. **Oriente**, Lisboa, n. 10, p. 26-39, dez. 2007. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/11910/1/Identidades%20e%20entendimentos.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2010.

AMARAL, Firmino Teixeira do. **Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho**. Ilustrado por Stênio. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva Ltda., 1977.

AMORIM, Maria Alice. **Existe um novo cordel?: imaginário, tradição, cibercultura**. [2008?]. Acesso em: 25 out. 2011. Disponível em: <<http://www.cibertecadecordel.com.br/pdf/existeumnovocordel.pdf>>. Acervo Maria Alice Amorim: catálogo de literatura de cordel.

ÂNGELO, Assis. **Uma breve história do cordel**. Xilo: Nireuda. São Paulo: [s.n.], [2003].

_____. Uma breve história do cordel. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, 2007, p. 22-25, jul./dez..

_____. As origens do cordel. In: _____. **Presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo**. São Paulo: IBRASA, 1996.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. O olhar da educação na literatura de cordel. **Revista Travessias**, Cascavel, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/educacao/O%20OLHAR%20DA%20EDUCA%C7AO%20NA.pdf>. Acesso em: 13 out. 2011.

AROMAS em cordel. Disponível em: <<http://www.feitobrasilcosmeticos.com.br/aromasemcordel/>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

A ARTE de globalizar xilogravuras e cordéis. **Revista Pronews**, Recife, v. 9, n. 106, dez./jan., 2009. Seção Matérias. Disponível em: <http://www.revistapronews.com.br/edicoes/106/mat_xilogravuras.html>. Acesso em: 22 set. 2011.

A ARTE DE J. BORGES: do cordel à xilogravura. Museu Oscar Niemeyer: Curitiba, 2008.

O AUTO da compadecida. Direção: Guel Arraes. Intérpretes: Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Diogo Vilela, Denise Fraga, Rogério Cardoso, Lima Duarte, Fernanda Montenegro, Marco Nanini. Roteiro: Adriana Falcão, Guel Arraes e João Falcão. Produzido por Globo Filmes. 2000. 1 DVD (104 min), color. Baseado na peça teatral de Ariano Suassuna.

BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. **Big Brother Brasil**: um programa imbecil. Xilogravura de Gabriel Arcanjo. [S.l.]: Edições Akadicadikum, [2010?]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u694522.shtml>>. Acesso em: 27 maio 2011.

BARROS, João de. **Lampião e Maria Bonita no paraíso do Édem, tentados por satanás**. [S.l.:s.n.], [199-?].

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos).

BOSI, Ecléa. Cultura de massa, cultura popular, cultura operária. In: _____. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.

BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel**: (crime e pena no folheto de cordel e no romanceiro folclórico do Brasil). Rio de Janeiro: Presença, 1991.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. **Cordel das DST**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [200-].

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Ciência da Informação).

CANTO do povo de Deus: matriz de Nossa Senhora das Dores. Juazeiro: [s.n.], 1993.

CARVALHO, Katia de. Disseminação da informação e informação de inteligência organizacional. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 3, jun. 2001. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/jun01/Art_04.htm>. Acesso em: 10 jun. 2011.

CASA NOVA, Vera L. C. Cordel e biblioteca. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 11, p. 7-13, mar. 1982.

_____. De literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel**: o mote do consumo. São Paulo: Maltese, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, p. 1-11, out./dez. 2001. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Cultura_e_Saber/CNFCP_Cultura_Saber_do_Povo_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2011.

_____. **Entendendo o folclore**. Rio de Janeiro, 2002. Texto produzido especialmente para o Centro de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Maria_Laura/CNFCP_Entendendo_Folclore_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2011.

CEM ANOS DE XILOGRAVURA. c2007. Disponível em: < <http://www.100anosxilografura.nocordel.com.br/divulgacao.html> >. Acesso em: 26 set. 2011.

CHAUÍ, Marilena. Introdução, como de praxe. In: _____. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CIMINO, James. **"Cordel Encantado" termina com 32 pontos no Ibope e leitura de cordel**. c2011. In: UOL Entretenimento: televisão. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/novelas/cordel-encantado/2011/09/23/cordel-encantado-termina-com-32-pontos-no-ibope-e-leitura-de-cordel.jhtm>>. Acesso em: 23 Out. 2011.

CLÁSSICOS rimados: obras célebres como “Os miseráveis” e “O alienista” ganham versões de cordel. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 mar. 2009. Folhateen, p. 5.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do folclore brasileiro**. Salvador: [s.n.], 1995. In: BRASIL. Ministério da Educação. Fundação Joaquim Nabuco.

Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

CORDEL Encantado: bastidores. **'Recebi a história e logo veio a inspiração', diz repentista das chamadas de Cordel**. c2011a. Disponível em: <<http://cordelencantado.globo.com/Bastidores/noticia/2011/04/recebi-historia-e-logo-veio-inspiracao-diz-repentista-das-chamadas-de-cordel.html>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

_____: fique por dentro. **Final**: novela termina nos tempos atuais. c2011b. Disponível em: <<http://cordelencantado.globo.com/Fique-por-dentro/noticia/2011/09/final-novela-termina-nos-tempos-atuais.html>>. Acesso em: 23 Out. 2011.

CORDEL SP. **Publicidade resgata a arte do cordel**. 2005. Disponível em: <<http://cordelsp.zip.net/>>. Acesso em 01 Nov. 2011.

COSTA, Cristina. A sociologia e as teorias da comunicação. In:_____. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COSTA, Marcos Vasconcelos; TORRES, Gesíola Fonseca. **A apropriação do cordel pela publicidade**: um estudo de folkcomunicação. 2004. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/07/GT1-001-A_apropriacao_do_cordel-Marcos.pdf>. Acesso: 22 set. 2011.

COSTELLA, Antonio Fernando. **Breve história ilustrada da xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel (tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares). In: DIÉGUES JÚNIOR, Manuel et al. **Literatura popular em verso**: estudos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 94).

DINIZ, Madson Góis. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus**: revista digital. v. 1. 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2011.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z**: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

FRANKLIN, Jeová. Trajetória da xilogravura em terras nordestinas. **Revista Conterrâneos**, Fortaleza, p. 16-19, jul./ago. 2007. Disponível em: <http://www.100anosxilogravuranocordel.com.br/docs/materia_conterraneo.pdf>. Acesso em: 24 out. 2010.

FREIRE, Wilson. **O cordel e suas histórias: medicina preventiva**. São Paulo: Abooks, [2002?].

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos. In: _____. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial).

GARCIA, Hamílcar; NASCENTES, Antenor. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974. v. 2, v. 3.

GAUDÊNCIO, Sale Mário; BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 82-92, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/4905/3710>>. Acesso em: 18 maio 2011.

GEORGINO, Érica. Trovadores modernos. **Aventuras na História**, São Paulo, n. 92, mar. 2011.

GOMES, Adriano Lopes. Lendo cordéis, relendo o mundo: a mídia alternativa na construção da cidadania. In: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, 15., 5 a 8 de julho de 2005, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas, 2005. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/GomesAdrianoLopes.htm>. Acesso em: 11 jun. 2011.

GOMES, Antônia Abelniza. **Caminhos da Biblioteconomia e Ciências da Informação**. Xilogravura: Erivana D'arc. Juazeiro do Norte: [s.n.], [200-]. Disponível em: <<http://bisbliotando.blogspot.com/2009/10/o-cordel-caminhos-da-biblioteconomia-e.html>>. Acesso em: 14 out. 2011.

HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias**. 1999. 224 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias**. Ensaios. [2000?]. Projeto Memória de Leitura. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio14.html>>. Acesso em: 26 set. 2011.

HAURÉLIO, Marco. A grande travessia do cordel e seus briosos vates pelo gigantesco mar das letras brasileiras. **Discutindo Literatura**, São Paulo, v. 4, n. 19, p. 34-43, [2008].

_____. A trajetória do cordel no Brasil, em prosa e verso. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, p. 15-17, jul./dez. 2007.

_____. Da capa cega à policromia. In: _____. **Uma breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2010. p. 96-101. (Coleção saber de tudo).

HAURÉLIO, Marco; SÁ, João Gomes de. O cordel: sua história, seus valores. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, p. 17-21, jul./dez. 2007.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, MS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IDICIONÁRIO Aulete. **Cordel**. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=cordel>. Acesso em: 30 set. 2011.

IMPRESSÕES: panorama da xilogravura brasileira. [Porto Alegre]: Santander Cultural, 2004.

KUNZ, Martine. Cordel, criação mestiça. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, p. 26-31, jul./dez. 2007.

LARAIA, Roque de Barros. Antecedentes históricos do conceito de cultura. In: _____. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LITTO, Inês M. F. **Fontes básicas de informação**. São Paulo: Ceditext, 1980. (Edição preliminar).

LUCIANO, Aderaldo. Literatura de cordel, literatura brasileira. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, p. 32-37, jul./dez. 2007.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 317).

MACIEL, Ana Daniele. Informação e cultura: a folkcomunicação no cordel nordestino. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/view/103/52>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINS, Itajahy. **Gravura**: arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.

MATOS, Edilene. **Cuíca de Santo Amaro**: o boquirroto de megafone e cartola. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, p. 8-14, jul./dez. 2007,

MATTOSO, Glauco; ACOPIARA, Moreira de. **Peleja virtual de Glauco Mattoso com Moreira de Acopiara**. Ilustração de Arievaldo Viana. [S.l.: s.n.], 2007.

MEDEIROS, Walter. **A peleja do cordel de feira com a internet**. [2003?]. Acesso em: 25 out. 2011. Disponível em: <<http://www.rnsites.com.br/cordeis-internet.htm>>.

MELO, José Camelo de. **Romance do pavão misterioso: história completa**. Bezerros: [s.n.], 2001.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MELO, Veríssimo. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel: antologia**. 3.ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO DA ANPUH, 19., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...São Paulo: USP, 2008**. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Geraldo%20Magella%20de%20Menezes%20Neto.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.

MILANESI, Luís. A cultura do centro. In:_____. **A casa da invenção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MONTEIRO, Manoel. **Leandro Gomes: o rei do cordel**. Ilustração de Josafá do Oriós. 2. ed. Campina Grande: Gráfica Martins, 2005.

MONTENEGRO, Erica Maria Silva. Literatura de cordel na escola: múltiplos olhares. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: ALB, 2009. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_1098.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2011.

MUNIZ, Raimundo. **Cordel informativo: serviços oferecidos aos usuários de uma biblioteca universitária**. [S.l.: s.n.], 2011.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. 2005. 193 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <http://btdt.bczm.ufrn.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=149>. Acesso em: 15 jul. 2011.

NONATO, Raimundo. **Memórias de um retirante**. Irmãos Pongetti: Rio de Janeiro, 1957.

NOVA teoria da comunicação. **Projeto temático de pesquisa FAPESP**. 2004. Disponível em: <[www.eca.usp.br/%2Fnucleos/%2Ffilocom/%2FFapesp/%2520Proj%2520Temat%25202004%2520\(mais%2520recente\).doc&ei=djS3TrDNE8nyggew-c2MBA&usg=AFQjCNF3IN1fEqfyt9LN92vx5HHFV2-abg&sig2=R5D0mhCN39v96YJdakotcg](http://www.eca.usp.br/%2Fnucleos/%2Ffilocom/%2FFapesp/%2520Proj%2520Temat%25202004%2520(mais%2520recente).doc&ei=djS3TrDNE8nyggew-c2MBA&usg=AFQjCNF3IN1fEqfyt9LN92vx5HHFV2-abg&sig2=R5D0mhCN39v96YJdakotcg)>. Acesso em: 16 jun. 2011.

OBEID, César. **Parabéns bibliotecário**. Xilogravura: Nino. [São Paulo]: [s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.teatrodecordel.com.br/cordel_bibliotecario.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

OLIVEIRA, Maria José. Benditos sejam: uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/A3C7D68D-3C3F-4AD2-A342-310326349856/FinalDownload/DownloadId-13B34F0C6001DD7D426562E96E8FC3AF/A3C7D68D-3C3F-4AD2-A342-310326349856/dspace/bitstream/1904/5131_1/NP17OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2011.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. A cultura. In: _____. **Introdução à sociologia**. 24.ed. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Raimundo Muniz. Cordel informativo: serviços oferecidos aos usuários de uma biblioteca universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais eletrônicos...** Maceió, 2011. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/494/223>>. Acesso em: 8 jun. 2011.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag et al. Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 662-670, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a10v16n4.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

PAPO de samba: um desfile de informações nas suas mãos. Victor Alvim, cordelista caciqueano, foi destaque em final de novela da Rede Globo. [2011]. Disponível em: <<http://www.papodesamba.com.br/noticia.php?id=2692>>. Acesso em: 23 Out. 2011.

PARADISO, Shirley. O cordel saiu das praças e entrou nas salas de aula para levar cultura e educação aos alunos. **Revista Bravo**, São Paulo, out. 2009. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/cartilha-rima-cordel-salas-aula-cultura-509486.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2011.

PASSOS; Edilenice; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. Fontes de informação em direito. In: _____. **Fontes de informação para pesquisa em direito**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

PENÇO, Célia de C. F. O folclore e meios de comunicação. In: _____. **Antropologia no cotidiano**. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995.

PIGNATARI, Décio. **Informação linguagem comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1980.

PINTO, Botelho; PAPANGÚ, MC. **Visita de satanás a um baile funk**. [S.l.]: Gráfica e Editora Dominada, [200-].

PINTO, Maria Rosário. A evolução da Literatura de cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

RAMOS, Everardo. José Camelo de Melo Resende. [200-]. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Biografia**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCamelo/JoseCamelodeMeloRezende_siteCordel_FCRB.pdf>. Acesso em: 23 Out. 2011.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SANTANA, André Barbosa de et. al. **A literatura de cordel na educação transversal**. Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito avaliativo da disciplina Estágio Supervisionado II do Curso de Licenciatura em Português. Sobral, 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-literatura-de-cordel-no-ambito-da-educacao-transversal/59195/>>. Acesso em: 11 out. 2011.

SILVA, Expedito Sebastião da. **Trechos da vida completa de Lampião**. Xilogravura de Abraão Batista. [S.l.: s.n.], 1997.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455/1506>>. Acesso em: 5 out. 2010.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **O massacre de Eldorado dos Carajás**. [S.l.]: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 1996.

SILVA, Silvio Profirio da et. al. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. **Ráidos**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p.303-322, jan./jun. 2010.

SLATER, Candace. Abordagens teóricas à Literatura de Cordel. In:_____. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOUZA, Diógenes Lycarião B. de. Ciber-Cordel: uma expressão contemporânea dadinâmica da Literatura Popular em verso. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 12., 2007, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. p. 1-10. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/90/GT8-_08-_Ciber-Cordel_-_Diogenes.pdf>. Acesso em: 25 out. 2011.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. **Editora Luzeiro**: um estudo de caso. Ensaios. 1995. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio34.html>>. Acesso em: 5 out. 2011. Projeto Memória de Leitura.

SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de. Fontes de informação financeira. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 175-188, jul./dez. 1997.

TAVARES, Bráulio. **A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora**: literatura de cordel. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TEATRO de cordel. **Folhetos**. Disponível em: <<http://www.teatrodecordel.com.br/folhetos.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do nordeste: 1893-1930. São Paulo: Global, 1983.

TV A VER. **Cordel encantado**. 2011. Disponível em: <<http://www.cnews.com.br/tva-ver/confira-teaser-de-cordel-encantado/cordel/>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

TV ESCOLA. **Programa Salto para o futuro**. Documentário sobre literatura de cordel exibido originalmente em 18 de outubro de 2010. Re-exibição em 03 de janeiro de 2011.

VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

VIANA, Antônio Klévisson. **Leandro Gomes de Barros**: o pioneiro da literatura de cordel. Fortaleza: Tupynanquim, 2002. Xilogravura do autor. (Série Heróis e Mitos Brasileiros, v. 7).

VIANA, Antônio Klévisson. **O universo do cordel e a mala do folheteiro**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.

VICTOR Alvim, cordelista caciqueano, foi destaque em final de novela da Rede Globo. [2011]. In: Papo de samba: um desfile de informações nas suas mãos. Disponível em: <<http://www.papodesamba.com.br/noticia.php?id=2692>>. Acesso em: 23 Out. 2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. Literatura de cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à internet. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 9., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Intercom, 2007. p. 1-9.

ATHAYDE, João Martins de. **A desventura de um analfabeto ou o homem que nunca aprendeu a ler**. Lages: [s. n.]: 1945. Xilogravura de Avelino.

AYALA, Marcos; IGNEZ, Maria; AYALA, Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977. (Série Estudos e Pesquisa, 5).

CASA NOVA, Vera L.C.; BARBOSA, Rosaly Isabel Senra. Análise de uma experiência no carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG com textos de cordel. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 12, p. 213-232, set. 1983.

CONSULADO NORDESTINO. Disponível em: <<http://www.consuladonordestino.blogspot.com/>>. Acesso em: 16 out. 2011.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Coleção estudos).

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel e o ensino da história. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Porto. **Anais eletrônicos...** Porto: Universidade do Porto, 2008. p. 1-13. Disponível em: <http://www.pgh.ufrpe.br/ARTIGO_ANGELA_2.pdf>. Acesso em: 11 out. 2011.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ática, 1988.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Paula Marciana Pinheiro; REBOUÇAS, Cristiana Brasil de Almeida; PAGLIUCA, Lorita Marlina Freitag. Construção de uma tecnologia assistiva para validação entre cegos: enfoque na amamentação. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 62, n. 6, nov./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n6/a06v62n6.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2010.

_____. Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 12, n. 2, jun. 2008, p. 217-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n2/v12n2a03.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2011.

PEREIRA, Lúcia Helena Mendes. Comunicação popular: para além do bem e do mal. **BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2004, p. 1-16.

Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-lucia-comunicacao-popular.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2011.

PERUZZO, Círcia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa com literatura de cordel. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Ceale, 2004. (Coleção Literatura e Educação, v. 5).

RESENDE, José Camelo de Melo. **O pavão misterioso**. São Paulo: Luzeiro, c2010. (Coleção Luzeiro).

SILVA, Ana Paula Gonçalves da. **Marketing e comunicação visual: um estudo sobre a importância dessas ferramentas para o incentivo à leitura**. 2009. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação)- Faculdade Biblioteconomia e Ciência da Informação, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2009.

WOITOWICZ, Karina Janz. Literatura de cordel, oralidade e cultura popular: pesquisadora franco-brasileira discute a história da literatura de cordel e a atualidade das formas de expressão popular no Brasil. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Paraná, v. 1, n. 8, p. 1-4, 2006. Acesso em: 25 out. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=545&path%5B%5D=379>>.